

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA

A LOUCURA DAS PALAVRAS

JULIA MARIA COSTA DE ALMEIDA

ORIENTADOR: KANAVILLIL RAJAGOPALAN

CO-ORIENTADOR: MARIA FAUSTA PEREIRA
DE CASTRO

Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

CAMPINAS/1993

defendida por Julia Maria Costa
de Almeida

e aprovada pela Comissão Julgadora em
06 / 05 / 1993.

M. Fausta
Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

A minha mãe, Thereza, por sua
alegria e coragem de viver.

"A origem destes escritos é como a dos meteoros: os meteoros vagam perdidos no universo; eles vagam perdidos no tempo. Os meteoros não têm lugar onde situar-se no universo; eles não têm lugar onde situar-se no tempo. É como os meteoros caem por vezes n'algum lugar, deixando impressa a marca de seu fogo, talvez eles caiam n'alguma alma...

Assim caíram na minha..."

Nelson Settone

AGRADECIMENTOS

Parte razoável deste trabalho foi realizada anteriormente ao Mestrado, durante a minha graduação na Universidade Federal Fluminense, quando ensaiava os primeiros passos no campo da pesquisa universitária. Neste período contei com a valiosa orientação da Dra. Nise da Silveira e dos professores Muniz Sodré e João Ricardo Moderno, bem como com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro que me concedeu uma bolsa de Iniciação Científica.

Graças ao Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa - FAEP - da Universidade Estadual de Campinas e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pude dar continuidade à pesquisa em nível de pós-graduação; a doação de recursos que viabilizaram fotocopiar o volumoso material de pesquisa, feita pelo primeiro, e a bolsa de Mestrado, concedida pelo CNPq, foram indispensáveis a que mais uma etapa desta trajetória fosse concluída.

A meu orientador, Prof. Kanavillil Rajagopalan, sou especialmente grata pela liberdade e pela coragem que me permitiu em difíceis momentos deste percurso. As sugestões da Profa. Maria Fausta Pereira de Castro, minha co-orientadora, foram de inestimável valor e certamente marcarão os rumos futuros desta pesquisa.

Devo este trabalho ao antropólogo José Carlos Rodrigues, amigo desde o primeiro momento, que não me deixou desistir de meu sonho. E dele a pomposa revisão do texto. Dele também é parte deste esforço.

Meus professores e colegas da UNICAMP foram cruciais para que a solidão deste trabalho não fosse maior. Agradeço-lhes a excepcional acolhida, assim como a dos amigos da Casa das Palmeiras e do Museu de Imagens do Inconsciente durante os meses da pesquisa de campo. Também os professores Márcio Goldman e Luis Fernando M. de Carvalho, da Universidade Federal Fluminense, têm aqui reconhecida a sua generosidade.

Não poderia deixar de lembrar o incentivo dado pela amiga Valéria B. Bráulio, nem o apoio do meu irmão Luiz Nunes de Almeida em várias circunstâncias. Por todo o carinho de Carlos Eduardo Caldas, não sei como lhe agradecer.

Para J.B., enfim, que transformou, como ele mesmo disse, o "estudo de um caso" em uma "paixão por um amigo". Por ter-me emprestado todos os seus originais; por tantas conversas e encontros. Espero que este pequeno estudo demonstre toda a minha gratidão.

RESUMO

Esta Dissertação constitui uma tentativa de conhecer e retratar concepções e práticas relativas à linguagem verbal de pessoas que a sociedade considera "loucos". Revelando as palavras, os jogos de palavras e os artifícios linguísticos que caracterizam a produção oral e textual de um dos mais antigos pacientes da psiquiatra Nise da Silveira, este estudo examina a singularidade de falas que desafiam os extremos da linguagem e da comunicação.

INDICE

APRESENTAÇÃO.....	8
I - PARALAPARACAPARLAR.....	12
DE UM LADO E DE OUTRO.....	13
UM DIALOGO IMPOSSIVEL?.....	21
LINGUAGENS DE RISCO.....	27
II - O INFINITO J.B.....	39
VIDA-OBRA.....	40
OBRA-VIDA.....	55
III - "FALO POR SIMBOLISMO".....	66
COMO CONCLUIR?.....	92
NOTAS.....	94
BIBLIOGRAFIA.....	98
ANEXOS	

APRESENTAÇÃO

- Depois? Depois nada. Com o tempo fui começando a entender a língua das coisas. Mas é das árvores que eu entendo mais...

O doutor passou as suas mãos sobre o rosto. Estava com os olhos quase molhados, mas precisava falar:

- Pois bem meu amigo. Você está doente. Mais do que você pensa. Você precisa ir comigo para a cidade...

Rosinha, minha canoa

Este estudo trata de linguagens que escapam, desviam, estranham e acabam consideradas "doentes", "patológicas": "linguagens de risco", como a que fala aquele personagem de José Mauro dos Vasconcelos que conversa com plantas e canoas.

Tantas vezes me perguntaram: como surgiu a idéia deste trabalho? Nunca fiz menção a Rosinha, aquela leitura chorada, da infância, que se transformou por muito tempo em uma espécie de mito para mim: o do homem que fala com as coisas e, por isso, é considerado louco. Tempo passado, sem que eu o soubesse, aquele mito de infância torna-se objeto de investigação científica. E retornam seus componentes essenciais: a razão, a loucura e a linguagem.

As perguntas que me faço são: de que formas a linguagem é vivida, pensada e usada na loucura? que relações, certamente

múltiplas, estes que a sociedade considera "loucos" ou "psicóticos" estabelecem com os signos? que procedimentos linguísticos faltam ou excedem em seu discurso?

Neste trabalho estas e outras questões são dirigidas a um único paciente. Deixo para frente outros tantos que observei e desejei conhecer melhor para ater-me às senhas de uma única fala. Aprofundo-me, portanto, num tipo de utopia, num tipo de procedimento de criação e de ruptura sobre a linguagem.

O personagem desta Dissertação não fala com plantas. Fala com os homens para lhes revelar a verdade dos signos. Concebe uma linguagem dupla: linguagem do amor - original e verdadeira - e linguagem do medo - obscura e inconsciente. Pratica o jogo de palavras como meio de revelação do sentido verdadeiro dos signos. Vislumbra a "humana idade".

Acompanhei este paciente ao longo de dez meses na instituição que frequenta diariamente, a Casa das Palmeiras, no Rio de Janeiro. Dele muito há mais a falar. Neste estudo apenas inicio o diálogo, com uma apresentação. Exponho um pouco de sua biografia, de suas concepções sobre a vida, seus valores; introduzo o universo de sua obra escrita (mais de sessenta cadernos escritos ao longo de quatro décadas). Analiso, deste universo, os fatos linguísticos, atendo-me fundamentalmente aos que considero mais singulares em sua obra, os jogos de palavras.

Algumas advertências sobre a terminologia empregada nesta Dissertação são necessárias. A começar pelo nome dado ao objeto de estudo: "linguagem da loucura"? "discurso psicótico"? Quando estamos à beira de fenômenos extremos - como a dissolução da linguagem - somos obrigados a usar aprioristicamente termos que não deixam de ser também objetos da nossa investigação: trata-se de linguagem? de linguagens? pode-se falar de discurso? Somos forçados a nos antecipar à conclusão do nosso próprio projeto e impor nomes que só consideraremos justos, ou não, ao final do trabalho. Neste contexto, optar por uma terminologia estritamente técnica traria problemas e correções inumeráveis. Preferi usar estes termos em acepções aproximadas à da linguagem corrente.

Acontece o mesmo relativamente a expressões como "loucura", "psicose", "esquizofrenia"... Desde o início do trabalho o que me fascinou foram falas e textos, colhidos em suas singularidades. Não o que falava determinado paciente diagnosticado como "isso" ou "aquilo". A experiência viva da linguagem antecipou-se ao conhecimento de dados psiquiátricos. Em seu todo, este estudo trata de fenômenos associados à loucura, em toda a positividade histórica do termo, ou à psicose, para utilizar uma terminologia mais restrita. Sobretudo, é importante frisar que há uma controvérsia com relação ao diagnóstico do paciente estudado se esquizofrênico ou paranóico: isto reafirmou minha intenção de deixar para

outrem a questão dos rótulos ou dos "letrados", como diz, em seu estilo peculiar, a psiquiatra Nise da Silveira.

Mil maneiras há de apreender este objeto amplamente nomeado de linguagem da loucura. Estando na área da Linguística, existe hoje uma via expressa na direção da Psicanálise, que poderia sugerir a inserção deste trabalho neste domínio, o que seria falso. Mais "indisciplinado" que "interdisciplinar", aqui se escutam falas da Filosofia, da Antropologia, da Crítica Literária, entre outras leituras que trago da minha formação em Comunicação Social. Falas que, neste estudo, dialogam com a Linguística. Sempre tive em mente as palavras de Karl E. Scheibe (1981): "Considero o esclarecimento de um problema fundamental como sendo um propósito superior à construção de uma disciplina que se utilize somente de seus próprios recursos".

Das coisas que faltam neste trabalho a que mais me sensibiliza é não ter criado lugar para tantas palavras ouvidas na instituição psiquiátrica, tantos textos, poemas. Que outros momentos - quem sabe a Tese de Doutorado - aprofundem ou concluam este mergulho em direção às "linguagens de ruptura" e que toda a dimensão e diversidade da experiência de campo possam vir a ser exploradas!

I

PARALAPARACAPARLAR

"Toda palavra é preconceito"

Nietzsche (O Viandante e
sua Sombra)

DE UM LADO E DE OUTRO

"Paralâparacâparlar" é um dos tantos neologismos de Guimarães Rosa. Curiosamente, aparece no conto *Darandina*, em que se retrata a loucura de um homem, a perigo no alto de uma palmeira, e, as dificuldades de uma multidão, um amontoado de curiosos que, embaixo, lota a praça pública. Se entre eles o diálogo é imprescindível, não é menos impossível: "Tinha-se de parlamentar com o demente, em não havendo outro meio nem termo...E, em menos desniveladas relações, como entrosar-se físico o diálogo?" (1962:143). Desistindo "do que era querer-se animar a murros um porco-espinho" (id.:144), concluem todos: "ineficaz paralâparacâparlar". Vivemos os séculos em que razão e loucura carecem de linguagem comum.

Um estudo sobre a linguagem da loucura não escapa de ter sob si um tal cenário: um lado de cá, um lado de lá e o ineficaz "parlar". Com Michel Foucault aprendemos como foi constituído e o quanto nos constitui o gesto que separa duas coisas, desde então exteriores e incapazes de comunicar-se entre si, como mortas uma para a outra: a Razão e a Loucura (Cf. 1967:7):

"Em meio ao mundo sereno da enfermidade mental, o homem moderno deixa de se comunicar com o louco; por um lado, encontramos o homem razoável, que encarrega o médico da tarefa de se ocupar da loucura e que não autoriza outra relação senão a que pode ser estabelecida através da universalidade abstrata da enfermidade; por

outro, está o homem louco, que se comunica com o razoável apenas por meio de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, constrangimento físico e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade" (id.:18).

Antes da experiência moderna da loucura, porém, o período clássico já havia silenciado - "através de um estranho golpe de forças", segundo Foucault - as vozes da loucura que a Renascença tanto exaltara. Tornada muda, a loucura terá nos séculos que se seguirão ao "golpe" um interlocutor único, com quem é necessário, senão obrigatório dialogar: o médico, psiquiatra. Já não se tratará, todavia, de diálogo, mas de um monólogo da razão sobre a loucura, apagando a lembrança de todo o diálogo anterior, as reminiscências de um tempo em que a loucura esteve ligada às experiências maiores da sociedade.

Uma das consequências inevitáveis de se tomar seriamente a posição teórica de Foucault é a exigência que se faz de uma crítica a boa parte do trabalho realizado sobre a linguagem dos ditos psicóticos. Testes, entrevistas, grupos selecionados, toda esta prática de pesquisa que procura se sustentar em bases científicas, parece falhar naquilo que é mais anterior e essencial: a possibilidade e a necessidade de se obterem dados que não sejam apenas fruto de um total "constrangimento físico e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade" - para repetir as palavras do autor.

W. Labov desenvolveu estudos¹ que podem ser particularmente úteis para explicitar a gravidade dos erros em que tais métodos podem incorrer. Foi ele quem primeiro observou, no campo da linguagem, o perigo de determinados procedimentos metodológicos. Nas pesquisas que realizou sobre a linguagem verbal de crianças negras dos guetos americanos, Labov conseguiu demonstrar a falsidade das teorias psicológicas baseadas no conceito de privação verbal. Segundo estas teorias, as crianças dos guetos, não recebendo estímulos verbais "satisfatórios" na comunidade onde vivem, apresentariam, como consequência, empobrecimento dos meios de expressão verbal, tornando-se incapazes de construir frases completas e de formar raciocínios e conceitos.

A chave de seu êxito foi que, ao analisar os procedimentos que davam sustentação às conclusões anteriores, Labov encontrou, fundamentalmente, métodos de entrevistas, mas, em geral, baseadas em relações assimétricas do tipo professor-aluno ou adulto-criança, além de um ambiente interacional claramente ameaçador para as crianças: "O menino entra em uma sala onde se encontra um entrevistador grande, amigável, e branco" (id.:205). Ora, conclui Labov, denunciando: se tomarmos este tipo de entrevista como medida da capacidade verbal, o que estaremos identificando efetivamente é a capacidade virtual de a criança se defender de uma situação hostil e ameaçadora.

Modificando-se o contexto integral da fala - incluindo nele adultos e crianças da comunidade negra, entre outros fatores - Labov nada encontrou que justificasse a noção anterior de privação verbal: "Exatamente o contrário é verdadeiro: as crianças negras dos guetos urbanos são muito estimuladas verbalmente, ouvem mais frases bem formadas que as da classe média, participam plenamente de uma cultura eminentemente verbal" (id.:201). A situação social é considerada, assim, o fator determinante "mais poderoso" do comportamento verbal. "O adulto que deseje descobrir o que uma criança sabe fazer, antes de tudo deve se colocar em contato com ela em uma relação social conveniente" (id.:212).

Ora, mesmo que se tenha conhecimento dos perigos e preconceitos que historicamente estiveram associados a esta aproximação comparativa, a relação assimétrica que se estabelece entre um psicótico e um psiquiatra ou um "normal" qualquer, em uma situação de entrevista, é, sob certos aspectos, análoga à que pode haver entre um adulto e uma criança. Nos dois casos defrontamo-nos com o que Labov chamou de "controle sociolinguístico do discurso", ou seja, os efeitos do contexto social sobre a fala. O que aconteceria se aplicássemos esta demonstração de um controle sociolinguístico do discurso às pesquisas sobre o discurso psicótico baseadas em testes? É bastante possível que encontremos algo de não confiável em seus dados, algo de falacioso nos resultados, distorções cujas raízes teríamos de procurar no lado das

"mitologias científicas", sustentadoras de ordens sociais baseadas em privilégios e exclusões.

Na entrevista psiquiátrica, o "professor branco" pode ser o psiquiatra, o psicólogo, o pesquisador, um assistente. Enfim, é aquele que aplica os testes e que representa a Razão. Aproximar-se desta figura, penetrar seu território - antes a sala do professor, agora o consultório hospitalar - sofrer a ação de sua pergunta e inquirição é sempre assimetria, coação, constrangimento.

A diferença mais marcante entre estas duas perspectivas, a sociolinguística e a psiquiátrica, é, possivelmente, a alternativa metodológica que se pode opor às entrevistas e aos testes nos dois casos. Labov resolveu seu problema buscando os dados em um contexto mais espontâneo para a criança, junto a seus amigos e conhecidos. No caso da psiquiatria, uma vez que a oposição se dá entre racional-irracional ou normal-doente, quem estaria indicado para desenhar um contexto não constrangedor de fala?

Eis o problema constituído: se os sujeitos razoáveis e os espaços que eles reservaram à loucura são habitualmente hostis e coercitivos, a questão não se resolve deixando os "loucos" falarem entre si - o que seria o equivalente ao grupo de crianças formado por Labov. Não há qualquer segurança de que por este caminho os dados viessem a ser mais expressivos, pois

a comunicação não seria necessariamente facilitada nestas situações.

As perspectivas de Foucault e Labov, ainda que em campos diversos, podem sugerir problemas semelhantes para uma pesquisa sobre a linguagem da loucura. Por um lado, tematiza-se o ponto de vista histórico e epistemológico que coloca toda a subjetividade ocidental em relação de exclusão com a loucura, exclusão de que não escapam mesmo as iniciativas de conhecimento. Estas, principalmente, parecem muitas vezes servir para justificar e, paradoxalmente, reiterar, uma separação que lhe é historicamente anterior. Pelo outro lado, ao apontar as consequências perigosas para o saber de não se levar em conta os controles sociais da fala, Labov sugere a constituição de uma metodologia apropriada para se compreender a problemática de discursos "estranhos" ao observador.

Imaginemos, a propósito, uma pesquisa que queira conhecer características do discurso de pacientes esquizofrênicos e que, baseando-se em entrevistas de tipo assimétrico, conclua que na esquizofrenia há fragmentação do discurso, considerado, então, uma "salada de palavras"². Não poderíamos, neste caso, questionar o objeto ao qual se atribuiu a idéia de fragmentação? Fragmentou-se a linguagem de um único indivíduo, tido então como patológico? Ou estilhaçaram-se as condições de linguagem no cerne de uma sociedade? Nesta última situação, a

ruptura seria algo próprio à ordem da coletividade e não alguma coisa efetivamente pertinente à individualidade.

Em torno de questionamentos desta natureza, esboça-se uma perspectiva teórica que se caracteriza por considerar as rupturas linguísticas na psicose como estando diretamente relacionadas a uma ruptura mais abrangente, aquela que se estabeleceu na comunicação entre a sociedade e determinados indivíduos dela excluídos como "loucos". Na defesa desta posição, escreve Michel Thévoz, sobre os autores psicóticos dos "escritos brutos" tematizados em seu livro *Le langage de la rupture* (1978:30):

"Alguns autores, em contrapartida, se engajam irremediavelmente em uma espécie de **idioleto** verbal e gráfico que lhes assegura uma autarquia mental absoluta sem risco de comunicação. A acumulação de neologismos ininteligíveis ou de deformações fonéticas, a invenção de um alfabeto pessoal, ou ainda a balbúrdia gráfica, tornam tais escritos parcial ou totalmente indecifráveis. Tem-se o sentimento que os autores se esforçaram deliberadamente para perturbar a compreensão. Talvez seja necessário ver nisto o último recurso daqueles que foram privados de qualquer responsabilidade e de qualquer escuta e que, em desespero de causa, preferem tomar por si mesmos a iniciativa da ruptura em vez de continuar a ser vítimas dela" (grifo meu).

Longe de mim a pretensão de resolver, esgotar ou mesmo compreender toda a polêmica que envolve causas, efeitos, origem e natureza das rupturas linguísticas na psicose. Por hora, basta que este ponto de vista problematize o modelo assimétrico através do qual tradicionalmente se aborda a linguagem dos psicóticos e que configure, para o presente

estudo, a seguinte questão: se, ao adotarmos certos métodos e enfoques, expressamos exclusão, desprivilegiamos nosso objeto, caracterizando-o por "privações" e "incapacidades", que estratégia de pesquisa poderíamos contrapor a estes procedimentos? E mais: que efeitos adviriam relativamente a objeto e resultados?

Ao longo dos anos em que venho desenvolvendo o presente trabalho fui levada a responder - ainda que de forma imperfeita e provisória - as seguintes formulações:

- 1) Que método opor à assimetria constituinte?
- 2) Como este método alternativo poderia interferir no recorte de um objeto de estudo?

Nas próximas páginas vou apresentar os caminhos empíricos e teóricos que percorri, desde o momento de chegada à instituição psiquiátrica, quando este impasse se apresentou a mim com toda dramaticidade: entrar corajosamente em um universo de falas à primeira vista caóticas e esquivas, ou recorrer confortavelmente aos testes e arquivos, distanciando-me da cena dialógica em que eu teria mais cedo ou mais tarde que me introduzir? Minha opção foi clara: como se poderá concluir da leitura das páginas seguintes, esta pesquisa começou por um método, não por um objeto. Um método dialógico e afetivo.

UM DIALOGO IMPOSSIVEL?

A Casa das Palmeiras, instituição psiquiátrica onde realizei a maior parte da pesquisa de campo é, com certeza, um dos raros locais, no Rio de Janeiro, onde se experimenta um método alternativo de relação entre corpo técnico (psiquiatras, psicólogos, estagiários...) e clientela (pacientes psiquiátricos). É comum nela observarmos visitantes confusos, quando precisam se dirigir a alguém para obter informações: não se sabe ao certo quem é quem. As fronteiras, alhures impostas socialmente entre sãõ e doente ou entre razoável e irrazoável, são aqui dissolvidas por um clima de afetividade geral, bem resumido neste pequeno poema de um dos diretores da Casa, feito para a ocasião do Natal de 1988:

Um Natal de Palmeiras
Onde não há sabiã
O que canta dentro da gente
E o amor de se dar
E a emoção de lidar

A afetividade que caracteriza o ambiente da Casa das Palmeiras não existe sem razões científicas. Baseando-se em sua longa experiência de convivência com pacientes psiquiátricos, a Dra. Nise da Silveira, fundadora da Casa e do Museu de Imagens do Inconsciente³, conclui: "repetidas observações demonstraram que dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver a seu lado alguém que

represente um ponto de apoio sobre qual ele faça um investimento afetivo" (1981:68).

Segundo a autora, a relação afetiva pode mesmo, em muitos casos, ser responsável pelo ressurgimento de palavras e frases compreensíveis em pacientes cujo sintoma predominante era o "autismo irreversível": ao estabelecerem laços de afeto com médicos, monitores e animais, diversas pessoas retornaram à comunicação verbal. É o exemplo de Djanira, uma paciente da Dra. Nise sobre a qual certa vez registrou a monitora (id.:82): "a paciente que não falava até a presente data, foi surpreendida junto a uma gatinha, dizendo **bonitinha... bonitinha mesmo.**

Ora, se do ponto de vista clínico, a relação afetiva é necessária e capaz de estabelecer troca verbal, pareceu-me claro que na obtenção de dados para a pesquisa este fator deveria ser decisivo*. Seria preciso que eu me introduzisse "afetivamente" nos locais de pesquisa, o que significa dizer estar disposta a criar vínculos mais estáveis do que os possíveis em uma única entrevista. Seguindo a orientação de Nise da Silveira (id.:80):

"O esquizofrênico dificilmente consegue comunicar-se com **outro**, falham os meios habituais de transmitir experiências. E é um fato que o **outro** também recua diante desse ser enigmático. Será preciso que este **outro** esteja seriamente movido pelo interesse de penetrar no mundo hermético do esquizofrênico. Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação..."

O método de abordagem afetiva e dialógica, que procurei seguir neste trabalho, não teve qualquer objetivo de intervenção terapêutica. A dialogia aqui não objetiva tratar ou curar, mas viabilizar comunicação recíproca. Ênfase não ter sido do meu interesse - nem da minha competência - fazer uma pesquisa aplicada, que viesse a extrair seus resultados de uma intervenção dirigida clinicamente, ou que a ela os direcionasse. A metodologia participante e dialógica teve como objetivo único a obtenção de dados mais fiéis, entendendo por este termo o máximo de seu espontâneo e da sua genuinidade.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas:

1) Na primeira fase - em 1988 - foram seis meses de estadia na Casa das Palmeiras e no Museu de Imagens do Inconsciente. Procurei conversar e manter contato com um número maior de pacientes. Inicialmente, coordenava as atividades relacionadas à produção de textos e do jornal-mural nestas instituições, o que me dava acesso fácil aos clientes da Casa e do Museu. Podia, assim, acompanhar a criação de textos individuais e coletivos, participar de entrevistas, conversas etc... Fundamentalmente, conversava-se muito: escritos, trabalhos feitos nos ateliês, notícias e dificuldades do dia-a-dia, eram os assuntos mais habituais. Por outro lado, recebi orientação da Dra. Nise da Silveira no sentido de participar de todas as atividades desenvolvidas nas instituições. Assim, frequentava

as aulas de francês, participava das sessões de teatro, coral, pintura, colagem, tecelagem, xilogravura... Meu objetivo, neste primeiro momento, era o de, por assim dizer, mapear um território. Observava tudo e tomava notas. Alternava a atividade de observação participante com a pesquisa nos arquivos dos grupos culturais e dos jornais, onde recolhia textos, o que me possibilitou identificar e me aproximar dos sujeitos mais dedicados à escrita.

2) A segunda etapa da pesquisa foi desenvolvida apenas na Casa das Palmeiras, durante dez meses do ano de 1991. Este período não foi tão expansivo e amplo como o primeiro. Agora procurava comunicar-me com um único paciente, a quem acompanhava nas mais diferentes situações. Inicialmente, na Casa das Palmeiras, onde tivemos longas conversas, umas poucas gravadas em cassete e vídeo-cassete. Conversamos muito nas ruas, a caminho do metrô. Algumas vezes visitei-o em casa. Falávamos também por telefone, informando-me quase diariamente sobre sua atividade de escrita.

Para dar curso a uma tal abordagem não é preciso treinamento, mas descontração. É preciso, sobretudo, estar à vontade com aquele que aprendemos a ver como diferente e a quem costumamos impor nossa alteridade. Talvez seja exatamente por falta disso que as pesquisas em geral realizadas sobre o discurso psicótico parem muito antes de começar o verdadeiro trajeto. Não sendo possível, neste caso especial, "treinar

alguém para estar à vontade", somente aquele dotado de uma particular curiosidade irá se desfazer de arraigados privilégios e hábitos impercebidos para entregar-se a uma forma de comunicação da qual poderíamos dizer sincera.

Tal sinceridade é o que se percebe nas palavras de L. Wittgenstein, filósofo que tinha a particularidade de apreciar visitas a hospitais psiquiátricos para conversar com pacientes. Disse Wittgenstein certa vez a seu amigo e aluno M. O'C. Drury, que então ingressava na psiquiatria, conforme este relata em "Some notes on conversations with Wittgenstein" (s/d): "Sempre pegue uma cadeira e sente ao lado do paciente; nunca permaneça ao pé da cama em um atitude ditatorial. Deixe-os sentirem que têm tempo para conversar com você". E dessas pequenas intuições que carecem os trabalhos sobre a linguagem dos psicóticos.

Antes de relatar minha experiência de campo, havia feito uma pergunta que se resume a: como é possível superar as relações de exclusão que nos constituem e que transformam aquilo que consideramos nosso objeto? Creio ter dado uma resposta bastante empírica a esta questão. Procurei viver a inclusão, a aproximação, a convivência. Se à experiência de exclusão e suas práticas corresponde uma linguagem altamente caótica, que legitima intervenções e controles da sociedade, à experiência de inclusão que linguagem irá corresponder?

Supondo que haja diferença de natureza na linguagem captada segundo estes dois procedimentos, qual seria a mais justa, no sentido que Sarah Kofman (s/d) atribui a este termo?

"Proibidade significa fazer justiça ao texto pois, mesmo se não existe a Verdade de um texto, nem todas as leituras se equivalem, há leituras mais ou menos produtivas, mais ou menos activas, há também leituras que falsificam os textos, que dão interpretações duvidosas, que não fazem justiça aos textos."

Há, para esta questão da exclusão e do objeto, a resposta filosófica irredutível de Roland Barthes (1970:146-7): "o saber, quaisquer que sejam suas conquistas, suas audácias, suas generosidades, não pode escapar à relação de exclusão, e não pode impedir-se de pensar essa relação em termos de inclusão (...) cada vez que os homens falam do mundo, entram no cerne da relação de exclusão, mesmo quando falam para denunciá-la: a metalinguagem é sempre terrorista".

Desta fatalidade, desta "dialética infinita", é impossível escapar. Cabe a nós, como Barthes ensinou, vivê-la dramática, generosa ou estoicamente. Creio tê-la vivido, para minha sorte, ingenuamente.

LINGUAGENS DE RISCO

A linguagem da loucura foi de tal modo banida da vida social, que hoje se tornou possível dizer: "nunca ouvi um louco falar". Frase semelhante, especialmente quando proferida por colega de curso de Mestrado em Linguística, mostra a posição frágil de "nossa" loucura contemporânea: fora das ruas, fora dos meios de comunicação, fora das casas... Confinada em hospitais psiquiátricos, o que restará ainda de sua linguagem?

Subsistindo como um vestígio, a linguagem da loucura resiste. Esquiva aos sistemas nosográficos, ela os obriga a ser uma listagem interminável de nomes, tal a sua multiplicidade. Ora mistura-se a gritos, gargalhadas, gestos, aparecendo como expressividade gratuita e desconcertante. Em outras ocasiões é incisiva, crítica, reveladora. O fenômeno da linguagem relativamente à loucura (ou vice-versa) constituiria um objeto vastíssimo de estudo materializado neste universo de falas, gestos e sons. Um mundo de mesma amplitude que o da "linguagem racional". Mas com pesado agravante: nada nos assegura a sua regularidade.

Quando iniciei a pesquisa de campo deixei-me envolver por toda a multiplicidade da questão. Observava, nas instituições psiquiátricas, sujeitos que pouco ou nada falavam; pareciam

ausentes há muito do mundo falante. Percebia aqueles em quem a linguagem era um fluxo constante, transbordamento, e outros que falavam com moderação. A uns, era possível compreender; de outros, nada entendia. Interessei-me também pela linguagem de rua, rara, mas muito diversificada: discursos, xingamentos, cantorias...

Nesta época, em 1988, não estava claro o que seria meu objeto de estudo. Se já havia feito um primeira escolha - a de trabalhar com os sujeitos que falam e escrevem - ainda não sabia que tipo de problema escolheria enfrentar. Procurava vagamente as rupturas no discurso. Mas logo percebi que este era ainda um corte demasiado vasto, em que caberiam as experiências mais diversas. Apenas como recurso ilustrativo, se pudéssemos montar uma escala das rupturas, num extremo estariam as falas consideradas mais desorganizadas e os grafismos; no outro, linguagens bem articuladas, em que a ruptura aparece em umas poucas palavras, sem afetar a compreensão geral da fala ou do texto. Entre um e outro extremo, muitas gradações, nuances.

A minha atenção foi inicialmente atraída por Carlos Pertuis, um antigo paciente da Dra. Nise da Silveira, já falecido². Seus escritos, guardados nos arquivos do Museu de Imagens do Inconsciente, constituíam-se de belos poemas e de uma grande quantidade de textos³ indecifráveis. Estes últimos pareciam estar a meio caminho entre o escrito e o

grafismo puro, desenho. Sobre a produção textual deste paciente, escreveu Nise da Silveira (1981:304-5):

"Se, paralelamente ao estudo das imagens, examinarmos os escritos de Carlos, apesar das dificuldades de sua leitura, talvez seja possível avançar um pouco mais adentro no seu intrincadíssimo mundo interior. Os escritos constam de numerosos textos corridos e de poemas. Os poemas têm a estrutura de trovas, gênero poético ingênuo e acessível. Mas o poeta Carlos os torna misteriosos nas suas significações, no seu agramatismo, neologismos e peculiar ortografia. De vez em vez aparece uma frase mais explícita, mais próxima do pensar do homem comum, trazendo, porém, ainda maior espanto ao leitor".

A profusão de seus textos de ruptura, de onde vinha uma pergunta crucial, muito me instigou: admitindo-se que não se trate mais de linguagem verbal, como compreender sua recorrência abundante, sempre dentro dos mesmos padrões, como se se tratasse ainda de um código muito próximo do verbal? Achei que este seria um problema grave para uma pesquisa na época ainda em nível de Iniciação Científica. Ao mesmo tempo, optei por trabalhar com pacientes vivos, pois com eles, para os fins da pesquisa, a linguagem oral seria uma fonte de informação tão importante quanto os textos.

Em outro extremo, encontrei no Museu de Imagens do Inconsciente poemas de um antigo paciente, cuja precisão formal não permitiria que figurassem na escala acima imaginada. Refiro-me ao autor do texto que serviu como epígrafe desta dissertação, Nelson Settone. Dele li diversos poemas, alguns poucos textos em prosa e uma peça para teatro.

Os temas referem-se quase sempre ao sagrado, a Deus e à vida interior, como o poema abaixo intitulado "Recebendo uma notícia trágica":

E desfez-se o mundo, com estridor contínuo:
 Os corredores, tetos e móveis, casas e edifícios
 que vi da janela
 tremiam, desfazendo-se...
 Árvores desfeitas em larvas, corriam pelo solo
 E o solo e as montanhas
 afundavam-se em si
 E todo o tremor externo invadiu
 meus sentidos...
 E a Terra,
 massa disforme e incolor,
 rolava no Universo

Narro esta passagem apenas para explicitar um perigo que ronda um trabalho sobre linguagem nestes locais: o de deixar-se fascinar pelos valores mais estéticos que aí irrompem, o de ceder à tentação de realizar um trabalho sobre arte. Limitei-me, então, à posição de fruidora destes textos. Seu valor poético desviava minhas preocupações mais voltadas aos problemas de desordem e ruptura na linguagem. Da leitura de Nelson Settone, ficou, no entanto, a epígrafe que melhor poderia falar destas vozes nunca ouvidas, esse falar sem tempo nem espaço: "a origem destes escritos é como a dos meteoros: os meteoros vagam perdidos no universo; eles vagam perdidos no tempo. Os meteoros não têm lugar onde situar-se no universo; eles não tem lugar onde situar-se no tempo..."

A pesquisa ganhou sentido mais vigoroso e concreto quando me deparei, no Museu, com uma pessoa que dizia estar fazendo

uma "língua", chamada "etero so ro sot". Em suas palavras, "o etero so ro sot é o português particular de cada um", "o português de viagem", "uma definição de português". Conversando com sua psiquiatra, soube que esta tarefa o estava ocupando havia mais de dois anos, o que me pareceu constituir um problema complexo e sedutor. Fascinou-me a idéia de que alguém poderia se interessar por instituir um campo próprio de linguagem, mesmo ao custo de uma total solidão. A literatura moderna nos oferece diversos exemplos de semelhante desejo, casos em que a linguagem se torna objeto das mais ousadas e inusitadas transformações. Todavia, nunca a vontade é aí tão radical, nem mesmo tão paradoxal: afirmar uma autonomia para a linguagem, dessocializá-la, não é ferir sua própria natureza de linguagem? Não é desafiar as concepções que a tentam definir apenas por sua função de comunicação?

Avesso aos problemas teóricos, C.C seguia a sua tarefa. Mesclava, nas conversas e nos textos, o português e o "vocabulário particular", totalmente incompreensível. Gostava também de falar sobre esta "língua", de descrevê-la, de pensar em um dicionário de seus termos. Muitos de seus textos têm uma sintaxe repetitiva, constituída por um sujeito na "língua particular", o verbo de ligação no imperfeito do indicativo e um predicativo em português:

"Odeia sam sam e memo era acrobata
 Edeia a reve col era trapezista
 Ser la ter ter era brasileiro brasileiro
 Era ar epe etero era geologo

Oroleiro era sapateiro
Rio cajo era ternura ternura..."

Outros textos de C.C., mais livres, quase não contêm palavras do português, como este feito para festejar o Natal:

Tu de bac, bac tum - et, para o Natal
etero eb ro sot para o natal feliz
sodum natal etero sodum para o natal
sempre sodum feliz natal
meu natal e eorsor dum
porisso eu gosto do bactum bactum
quer ser natal

C.C. gostava de cantar. Intessava-se sobretudo pelos sons. Pareceu-me que esta sua "língua" era também atraída pelas sonoridades, pelos ritmos, pela musicalidade da fala: "falo usando a lógica da rima", disse-me certa vez. A partir de C.C. e de outras experiências, suspeitei que duas formas de combinar os elementos linguísticos pudessem ser encontradas nestas "línguas de ruptura": uma, trabalhando no campo do significado, cortando e recortando o material linguístico em busca de outros sentidos; outra, da qual C.C. parece ilustração, que explora a materialidade da linguagem: som, ritmo, volume... Mais tarde estas suspeitas foram confirmadas por trabalhos⁹ que vim a conhecer e que compartilhavam desta distinção entre combinações predominantemente fonéticas ou semânticas nos discursos psicóticos.

Gostaria muito de ter tido a oportunidade de mergulhar nesta "língua" de C.C.. Havia proposto, no meu projeto de pesquisa para esta Dissertação, trabalhar com dois pacientes,

um dos quais seria C.C.. Pensava, na ocasião, em retratar os dois níveis de ruptura que apontei no parágrafo anterior: um, voltado para a experimentação semântica dos signos; outro, para as questões fonéticas. Posteriormente, contudo, por motivos teóricos (mas também por razões práticas relativas a tempo e condições de pesquisa), achei melhor ater-me a um único paciente, tendendo nos termos do quadro anterior para a problemática do sentido.

Paralelamente, enquanto convivia nos locais de pesquisa com pessoas e problemas de linguagem e de comunicação, procurei na literatura casos de psicóticos que tivessem insistido em procedimentos de ruptura e de criação linguística. Não foi difícil encontrar.

O livro de Michel Thévoz anteriormente mencionado (1978), é certamente um dos mais panorâmicos registros, na literatura, de procedimentos de ruptura linguística. Thévoz apresenta textos (muitas vezes puros grafismos) elaborados por pacientes psiquiátricos: Aloise, Jean Mar, Jeanne Tripiet são alguns dos autores deste textos, que Thévoz chama "escritos brutos". Não obstante o fato que tais pessoas estivessem já falecidas na época de sua pesquisa, foi possível ao autor reconstruir deles a vida hospitalar, familiar e imaginativa: contextos em que se inseriam escritas sempre necessárias, sempre em ruptura, "escritas brutas".

O exemplo mais contundente de ruptura na literatura é, contudo, Louis Wolfson. Em seu livro, *Le Schizo et les Langues* (1970), Wolfson apresenta-se como "estudante de línguas esquizofrênicas", "estudante de idiomas dementes" ou, após sua "reforma" linguística, "le jeune ome sqizofrene". Wolfson é americano, mas não suporta a língua materna. Constrói, por isso, um complexo sistema de "tradução" do inglês ao francês, ao alemão, ao russo e ao hebreu, baseando-se tanto em aspectos fonéticos quanto semânticos. Com este procedimento, Wolfson consegue "traduzir" para as outras línguas as frases que sua mãe fala em inglês, objeto de sua aversão. Contra o pressuposto da aceitação "natural", Wolfson põe em evidência de modo radical a possibilidade do repúdio à língua materna - questão pouco presente nas experiências e reflexões linguísticas e antropológicas.

Na literatura brasileira, um bom exemplo de ruptura linguística é Dorpo-Santo, dramaturgo do século XIX (1829-1883), considerado várias vezes pela Justiça um "insano mental". Como autor de diversas peças teatrais e de uma "reforma ortográfica" para o português, escreve em sua auto-biografia (1980:27): "as minhas obras quasi só eu as entendo: tantas foram as inutilidades por mim suprimidas!". Dorpo-Santo tentou impor aos seus contemporâneos suas reformas linguísticas, orientadas em geral pela regra "o que se pode fazer com menos não se deve fazer com mais". Seu esforço, sem sucesso, é prova de um comportamento singular com relação à

língua que esbarra em um dos postulados fundamentais da Linguística: "ela (a língua) é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la" (Saussure:19/d:22).

Nas obras de ficção encontrei também indícios de uma questão bem próxima da que se apresenta através das produções destes singulares criadores ou reformadores de "línguas". Elias Canetti, por exemplo, em seu consagrado **Auto-de-Fé** (1982), fala da vida de um "demente" que teria inventado uma língua. Sobre esta, comenta a enfermeira do doente: "Ele detesta o francês (...) Há anos que trabalha na elaboração de uma língua própria. Ainda não a terminou inteiramente" (id.:578). A respeito do médico do doente, escreve Canetti (id.:581): "Georges era bastante erudito para publicar uma monografia sobre o idioma desse demente, o qual projetava uma nova luz sobre a psicologia dos sons".

A justaposição, aparentemente fortuita, de diversas formas de ruptura e criação linguística experimentadas por pessoas consideradas psicóticas - onde figuram até mesmo personagens fictícios - não é aleatória. Procurei apenas traçar um contorno muito tênue, ao redor de uma ampla zona de experiências heteróclitas que, não obstante, apresentam, aqui e ali, em intensidades e maneiras diversificadas uns poucos aspectos comuns:

1) O falar é alvo, nestes casos, de um estranhamento. Os laços de familiaridade que unem o falante à língua e à linguagem verbal parecem se romper. O sujeito vê problemas, de níveis diversos, no uso das regras e dos elementos linguísticos.

2) A criação de procedimentos de ruptura vem solucionar aparentemente este estranhamento. Opor às normas e ao vocabulário corrente um procedimento autônomo que modifique determinados aspectos do falar comum, admitindo para si próprio o uso deste padrão, parece ser uma experiência bastante frequente.

3) A ruptura não é casual e esporádica, mas recorrente. Ela exige do sujeito dedicação, tempo, inquietação. É um processo em curso.

O perfil que acabo de esboçar de fenômenos da linguagem psíquica se aproxima e se reforça por aquele traçado pela linguista Marina Yaguello², a propósito de invenções conscientes e inconscientes de "línguas":

"1) A noção de língua enquanto sistema autônomo e completo deve ser reivindicada pelo autor, que oferece seu projeto ou sua teoria para o uso da comunidade (...).

2) O sistema é imaginário e se opõe, por um lado, às línguas naturais; por outro, às línguas historicamente atestadas.

3) A tentativa deriva de um empreendimento consciente ou inconsciente, lúdico, funcional ou utópico, do indivíduo sobre a linguagem: esta se opõe deste modo à sociedade (pois a linguagem é um fato social que escapa ao indivíduo), ainda que se dirigindo a ela."

O que tais experiências têm sobretudo em comum é o fato de privilegiarem a linguagem como objeto de sua própria linguagem. É esta investida sobre os signos, e não apenas determinados procedimentos linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos), o que daí emerge e me surpreende. Experiência simultaneamente densa e tensa com a linguagem, relação ambígua de estranhamento e devoção. "Uma relação ambivalente de amor-ódio", para usar as palavras de Yaguello. Dificil incursão em uma zona de limiares e oposições: entre razão-loucura, distúrbio-invenção, consciente-inconsciente, amor-ódio, possuir-ser possuído,...

De todas as experiências ambivalentes que pude observar na instituição psiquiátrica, uma pareceu-me mais singular e completa, para efeito de um estudo linguístico nas condições em que realizei o meu. Refiro-me a J.B., um dos primeiros pacientes da Dra. Nise da Silveira na Casa das Palmeiras, diagnosticado como esquizofrênico. Desde sua entrada na Casa em 1957 e porque manifestasse forte gosto pela escrita, J.B. foi sempre incentivado a escrever. Em 36 anos de trabalho quase diário com texto, J.B. criou uma obra bastante singular, constituída de mais de sessenta cadernos de "poesia"¹⁰. Escrever tornou-se, para ele, uma necessidade, uma exigência. "Conscientizar as palavras", como veremos, uma tarefa indispensável e urgente. No próximo capítulo falarei com mais detalhe desta vida dedicada a uma obra de ruptura. Por

enquanto, gostaria apenas de sinalizar sua existência e demarcar o meu assunto.

Embora J.B. tenha se expressado intensamente pela via da escrita, sua fala é tão rica quanto seus textos. Na verdade são ambas, fala e escrita, muito semelhantes. J.B fala do que escreveu, escreve sobre o que falou. Principalmente, fala como escreve. Os jogos de palavras, que servem como método para a "conscientização das palavras", aparecem igualmente nos dois campos, apenas com menor frequência no discurso oral. Por se tratar deste sujeito especificamente levei em conta a linguagem escrita tanto quanto a oral. Pareceu-me mais importante ter uma apreensão global de sua expressão verbal que delimitar um plano único para o estudo - mesmo porque os níveis se interpenetram e se reforçam.

Aprender esta linguagem, foi meu objetivo. Não me coloquei um problema na forma de uma hipótese única. Também não almejei construir um sistema lógico-teórico totalizador. Deixei-me levar pelo próprio trajeto do conhecer, seguindo pelas bordas, conquistando aqui e ali uma palavra, dando sentido a tantas outras. Nos percursos de uma biografia em que a linguagem parece roubar a cena, na extensão de vasta produção oral e textual, procurei demarcar a singularidade de uma fala que se arrisca a desafiar os extremos da linguagem e da comunicação.

II

O INFINITO J.B.

"Os amantes e os loucos têm mentes tão febris,
Tantas fantasias tão vívidas, que compreendem
Mais do que a razão fria jamais entenderá.
O lunático, o amante e o poeta
Estão repletos de imaginação..."

William Shakespeare (Sonho de uma noite
de verão)

VIDA-OBRA

"J.B. é infinito". Esta frase foi a primeira pista que recebi da Dra. Nise da Silveira quando lhe perguntei sobre seu antigo paciente. A medida que me aproximei de J.B. fui confirmando a exatidão destas palavras: a biografia riquíssima e bem lembrada, o trabalho com madeira, a perspectiva própria de pensar as coisas, a prática de "conscientização das palavras", o cotidiano, a Ordem Materialista Naturalista, a resistência à psicose... J.B. é feito de infinitos temas que infinitamente desenvolve.

Os temas se cruzam e se envolvem. Conhecer sua linguagem não é apenas estudar os cadernos de "poesia". Sem percorrer o passado, sem apreciar os trabalhos em madeira, sem revelar o modo de pensar, sem conviver com a linguagem no cotidiano, muito pouco teria sentido. Os nós que a linguagem nutre com a madeira, com a vida e com o pensar não relevam apenas porque J.B. fale intensamente sobre tudo isto: é porque estes temas repetem os procedimentos da linguagem e esta os povoa com suas reinterpretações. Desconhecer a infinitude de J.B. seria definitivamente não o apreender.

Dedico o presente capítulo a estes temas: a biografia, as concepções, a obra em madeira e as idéias sobre a origem da linguagem. No tópico relativo à biografia estão reunidos os

temas do seu passado e do seu cotidiano; em "concepções" falo de seus valores - amor, medo, esquerda, direita - e sua correspondência com as ações humanas e com as práticas políticas. Apresento, por fim, o trabalho na marcenaria. Estaremos prontos, então, para abordar o domínio específico da linguagem.

Biografia

Na vida de J.B. misturam-se e se confrontam conservação e ruptura. J.B. é um destes "cariocas típicos", morador do bairro de Santa Tereza, que anda prá lá e prá cá de bondinho, usa boné e paletó. Nada em sua aparência de "velhinho simpático" denuncia a luta interior, as crises e rupturas. Talvez o olhar e a expressão do rosto indiquem, aos mais atentos, que o pensamento é intenso e perturbador e que a vida não foi tão fácil ou corriqueira. Vencer a doença, conservando dela a diferença conquistada, esse foi seu objetivo a partir do momento da ruptura: "o louco é só diferente e quer viver de outro modo", diz¹. Se em seu caminho, J.B. encontrou a "loucura", foi entretanto a seu modo: louco cura.

J.B nasceu em 1920, no Rio de Janeiro. Sua família, bastante tradicional, criou os filhos com disciplina. Quando jovem, queria ser frade. Não sendo aceito, recorreu à aviação e formou-se instrutor de pilotagem aérea. Teve inúmeros alunos e orgulha-se muito de jamais ter arranhado um avião.

Simpatizante, na época, do Integralismo, J.B. sentiu sua vida subitamente ameaçada por ter pregado e divulgado o nazismo. Voltou-se, então, para o comunismo ("a felicidade comum a todos"), opção que até hoje repercute em sua vida. A idéia de que os nazistas passaram a persegui-lo não mais o abandonou.

O primeiro surto psicótico ocorreu em 1945, quando ainda estava na aviação. Em 1948, agravaram-se as crises mentais. J.B. sentia-se vigiado pelos nazistas. Em uma das crises, sentiu-se "lido" através da Rádio de Barra Mansa. O texto que narra o episódio da rádio é surpreendente (1988)²:

"...e como adoeci muito numa fazenda de Frades em 1948...pois me 'senti lido' pela Rádio de Barra Mansa.. perto aonde eu estava da fazenda de Três Poços...lá o meu rádio de cabeceira certa manhã me controlou tanto...somente por eu ter deixado o Nazismo....a ponto de eu no meu grande quarto da fazenda pela manhã... quando comecei a me vestir...tudo que eu fazia o rádio dava...se eu tirasse meu pijama logo o rádio falava pijamas compre na casa tal... se eu pegava meu sapato... Sapataria tal... se eu pegava a minha escova de dentes ...logo dizia Escovas Tek e colocava pasta logo dizia Pasta Colgate (...) então tive uma crise mental que me tranquei num quarto escuro por mais de uma semana...só sai da fazenda...quando meu falecido irmãozinho Carlos e seu colega Manoel Velloso Medico psiquiatra (...) me tiraram de lá...e me internaram (chegando eu a ter 13 internações) ..."³

No início dos anos 50, J.B. começou a frequentar terreiros de umbanda. Em 1957, quando ainda se dedicava aos centros de umbanda, recebeu, no hospital, a visita da Dra. Nise da Silveira e da Dra. Maria Stella Braga, que o convidaram a frequentar a Casa das Palmeiras, então em vias de inauguração. Saíndo do hospital, passou a ir com constância à

Casa. Abandonou a umbanda, em 1958, voltando-se integralmente às atividades da Casa.

J.B. não mais foi internado. A gratidão que J.B. devota à Casa das Palmeiras, à Dra. Nise da Silveira e sua equipe é expressa frequentemente em seus "poemas": "Assim o louco pode curar! Sim curar-se por experiência própria...! Mas sem esquecer Dra. Nise da Silveira 'A mãe da Humana Idade conscientemente livre' e a Gloriosa Casa das Palmeiras conscientemente livre... (1988)". Neste período de 36 anos em que tem frequentado a Casa, J.B. recebeu forte estímulo para escrever. Hoje redige seu septuagésimo "livro", pois, como diz, "eu me livro ao escrever". Por gostar muito de trabalhar com madeira, tornou-se monitor de marcenaria da Casa, passando a orientar inúmeras pessoas na atividade.

O cotidiano de J.B. inclui ginástica e banho frio de manhã ("por causa da asma"), redação em todos os momentos livres. Visita à tarde à Casa das Palmeiras, onde conversa muito, coordena e participa das atividades de expressão (marcenaria, grupo de poesia, teatro...). Vai e volta de metrô e bondinho. J.B. ajuda sempre os amigos. Estes têm a sua preferência. Consertos de móveis, de portas, de coisas de madeira em geral são feitos gratuitamente, apesar da sua idade e das dificuldades físicas. Além disso, J.B. ajuda na Casa das Palmeiras, de cuja Diretoria é membro, orientando as pessoas

na luta contra a doença mental, sugerindo mudanças, consertando objetos. Tem, como diz, a "alegria de dar".

A vida afetiva de J.B. é intensa. Três mulheres marcaram seu caminho. Dezenas de "poemas" a elas foram dedicados. São chamadas de "namoradas", embora eu não possa precisar a natureza exata destes relacionamentos. Há certamente, nesta área, muito de uma imaginação idealizadora, que "santifica" as mulheres e as considera "minhas Marias". Aos 71 anos, J.B. é um homem apaixonado, que vive e sofre intensamente a experiência amorosa. Sua infelicidade, neste terreno, ele atribui aos nazistas, "que nunca me apresentaram uma mulher". Opondo às dificuldades impostas pelos nazistas uma vontade cada dia mais enérgica, procura driblar os inimigos.

Felizmente J.B. não foi mortificado pela "máquina da loucura". Quantas pessoas as internações, os choques, os remédios, os abusos dilaceraram, destruindo completamente o corpo, a inteligência, o ser? Antonin Artaud está entre os exemplos mais gritantes desta parafernália de exclusão e de morte. J.B., contudo, teve a sorte de pertencer a uma família íntegra, ser irmão de um psiquiatra que o amava, encontrar a Casa das Palmeiras e as pessoas que lá trabalham e frequentam. Sua experiência ilustra o desejo e o sucesso de uma prática de vida rara nos dias de hoje: alguém a meio caminho entre o mundo de dentro, da razão, da civilidade e dos deveres, e o mundo de fora, do delírio e das radicalidades. Na sua vida, o

mundo cartesiano do pensamento soberano, sempre razoável e sensato, abre espaço para a razão irrazoável ou para o razoável desatino. E, como diria Mariana Yaguello, "un fou raisonnant".

A arquitetura mental

A expressão é do próprio J.B.. Refere-se a seu modo de pensar o mundo: "a minha arquitetura mental, a milênios de anos a mais". Nenhum termo poderia exprimir melhor o que é seu pensamento: edifício que se constrói cotidianamente, em que todas as partes se ligam e se sustentam. Nem estrutura, nem sistema: arquitetura. Conhecer os aspectos deste edifício - sustentação, andares, materiais e riscos - saber discernir os valores altos e baixos, perceber o que recebe luz, ênfase... Ao mesmo tempo, entender como se faz este pensamento: com projetos, planos.

J.B. crê que seu pensamento pertença ao futuro: "a milênios de anos a mais", como lhe dissera certa vez a Dra. Nise da Silveira. A sua diferença é sobretudo uma diferença no tempo: estar adiantado. Toda a solidão de seu pensamento se explica também por este avanço: "andava eu de pés descalços...sentindo também a minha terra...que ainda tem poucas flores...por eu ser de milênios de anos a mais" (1988). Apesar de referir-se constantemente ao futuro, J.B. não esquece passado e presente: "o passado não deve ser esquecido,

mas profundamente corrigido"; "o presente é um presente". O prestígio do futuro é apenas por ser este um tempo de "maior humanidade".

O pilar deste pensamento do futuro é o amor. O amor opõe-se ao medo, no plano dos valores, e corresponde à esquerda, no plano das ações políticas. Tem-se, assim, dois patamares - planos ético e político - preenchidos respectivamente pelas qualificações amor/medo e esquerda/direita. O amor une, o medo separa. O amor revela ("é luz"), o medo oculta ("é cego"). Por isso, seus símbolos são os da união e da revelação: o coração e a coruja. Da mesma forma, seu procedimento básico no trabalho é revelar: seja no campo da linguagem, livrando os sentidos ocultos pelo medo, seja com a madeira, criando objetos-símbolos da união e da revelação: corações com corujas, corações com livros entalhados...

J.B. considera-se "socialista" e procura agir rigorosamente dentro dos parâmetros da "esquerda". Ao cumprimentar, só dá a mão esquerda para "extender o coração ao irmão". O cumprimento é um ato político, por excelência. Os japoneses, por exemplo, são admirados por não cumprimentarem com as mãos: logo não dão a direita. As pessoas que preferem dar a mão direita, J.B. não se opõe: "sou um democrata", diz, "não deixo de fazer o que os outros querem". Ser democrata é não impor à humanidade seus "milênios de anos a mais". **Direi**

a tu, assim J.B. entende a palavra "direita". Eis quer dar, significa "esquerda". Seu mundo é dividido nestes dois pólos: todas as idéias e ações pertencem a um ou a outro.

Nunca ter tido dinheiro em banco é um dos seus motivos de orgulho, pois "o que está sobrando para a gente é do irmão". Alegria-se em dar, em viver com simplicidade, em ter os dentes cariados "como os pobres": o valor da pobreza é cultivado, pois o integra a uma comunidade muito maior do que o fariam os privilégios. Ao rigor que exige de si nas pequenas ações do cotidiano sempre correspondem símbolos e valores. Uma ilustração: a coca-cola representa os americanos que, por sua vez, lembram os nazistas e a direita - por conseguinte, não deve ser consumida.

O campo, o interior e a natureza expressam a simplicidade que pensa dever ter a vida dos homens, à semelhança da vida do camponês. Identificado com estes valores, J.B. se surpreende por se lembrar ainda de tocar ao piano uma parte de "O Camponês Alegre" - única composição de que se recorda, dentre as muitas que já soube executar. Esta lembrança, particularmente significativa, reforça seu ideal de ir para o campo. Analogamente, a cor verde, simbolizando este desejo, é uma das preferidas para canetas e folhas de papel. Através destes símbolos, a música ao piano e a escrita em verde, a utopia de uma vida no campo se fez viva.

As conversas na Casa das Palmeiras sobre as teorias de C.G. Jung e S. Freud⁴ possivelmente levaram-no a formular, ao lado das questões políticas, idéias sobre o consciente e o inconsciente. A consciência (com ciência) relaciona-se com o pólo do amor/esquerda; revela, une. "Conscientizar" é, para ele, uma palavra fundamental e uma prática rigorosa. O inconsciente, "mais rápido que o raciocínio", oculta, cega, e deve ser conscientizado.

Há três tipos de inconsciente: um, que J.B. chama de "inconsciente coletivo natural", ligado ao socialismo, que une as pessoas e é responsável pelas supostas "coincidências" que ocorrem e que beneficiam a humanidade. O segundo tipo, chamado "inconsciente artificial superficial", é o inconsciente do "medo perigosíssimo e traiçoeiro", que impede o pensamento e gera o nazismo e a dominação. O último, "inconsciente artificial profundo", é o que leva aos descobrimentos, não sendo tão nefasto quanto o anterior.

Baseando-se nesta ordenação psicológica, J.B. qualifica as pessoas. Chama os que considera "normais" de "conscientemente livre" e a si mesmo de "hoje conscientemente livre". Quando se refere a alguns dos doentes mentais, seus amigos da Casa, usa "mas ainda inconsciente". Em geral acrescenta a estas qualificações expressões como "profundamente nobre", "boníssimo" e "digníssimo", para expressar sua estima. Não são apenas pessoas que recebem as

qualificações: a Casa das Palmeiras é também "conscientemente livre" e as doenças mentais são "inconscientes".

A partir da organização dos níveis ético, político e psicológico nos pólos amor/medo, esquerda/direita, consciência/inconsciente tudo é analisado ou reinterpretado. Um encontro, uma atitude, uma palavra, uma obra de arte, um cumprimento, tudo vira signo de um ou de outro pólo. Muitas coisas podem mudar de lado. Por exemplo, a loucura: a "loucura do medo" ("do maluco, que pode matar") pode ser transformada em "loucura do amor" ("do louco, que quer só viver de outro modo"). A transformação dos valores - o medo em amor, o inconsciente em consciência... - é, na realidade, o objetivo principal de todos os seus atos. Das pequenas ações do dia-a-dia ao trabalho com a linguagem e com a madeira - as obras - em tudo se infiltram as concepções. A arquitetura mental, longe de ser um campo pacífico de idéias, é um processo ativo de criação, que valoriza e direciona os acontecimentos da vida.

Este modo de pensar compõe a doutrina do que J.B. chama de "Ordem Materialista Naturalista - O.M.N.", fundada por ele na década de 50. Os princípios que regem as ações solitárias deste idealista encontram na "Ordem" um sentido maior de existência. Organizados em torno desta sigla - que J.B. faz questão de acrescentar a seu nome toda vez que assina os "poemas" - as idéias e o discurso ganham potência: J.B. fala e

escreve em nome de uma "Ordem", ele representa uma instância superior. A O.M.N., apesar de composta por um único membro ("ninguém assina O.M.N. junto ao nome, a não ser eu", reclama), contém idéias que perduram por mais de três décadas. O poder espoliador que a sociedade exerce sobre aqueles que considera "loucos" parece ter encontrado resistência neste tecido sutil, pura linguagem, com o que J.B. conseguiu proteger seu pensamento e sua palavra.

A obra em madeira

Há, na vida de J.B. algo do que Maurice Blanchot (1987:50), escrevendo sobre F. Kafka, chamou de "exigência da obra". Necessidade vital de realização, esta exigência toma duas direções no percurso de J.B.. A primeira consiste na criação de uma série de objetos feitos de madeira em forma de coração (cadeiras, berços, porta-retratos, maçanetas...). A segunda direção é a da linguagem. Em ambos os campos, a "exigência da obra" impõe uma atividade incessante e um sentido comum: missão urgente de revelar os significados "verdadeiros", seja dos objetos e da madeira, seja das palavras.

O trabalho com madeira teve início logo que J.B. ingressou na Casa das Palmeiras. Era então aprendiz. Anos depois tornou-se monitor de marcenaria da Casa e ainda hoje coordena esta atividade. Atualmente a sala da marcenaria é

muito mais um espaço de conversas e encontros que um lugar de trabalho. Como J.B. participa das outras atividades, a marcenaria só abre quando ele está livre das outras ocupações ou ocupado com algum trabalho seu. Maçanetas e portas da Casa têm impressas a sua marca: não faltam corações, aqui e ali, para reparar os estragos do tempo.

Nestes muitos anos de marcenaria, J.B. criou uma obra bastante incomum: nem formas puramente estéticas ou utilitárias, nem formas caóticas. A unidade de seu trabalho parece residir no simbolismo: as formas simbólicas integram valores estéticos e utilitários para revelar um significado, antes oculto (1988):

"Depois senti vontade de tentar e fiz um coração em madeira aglomerada com uma coruja...sim um aglomerado bem visível (pois se vê soldada as serragens que simbolizam outros corações com corujas) como apareceu este na minha marcenaria...então tentei e fiz a coruja entalhada no "coração de aglomerado"... e ficou muito simbólico este coração...pois o aglomerado é um grande símbolo do socialismo humano...por se ver soldada as serragens (prensadas com cola) e quando terminei o trabalho logo escrevi atrás dele: "um simbolismo dos soldados da paz".

Num mesmo processo, J.B. "conscientiza" a qualidade da madeira ("aglomerado" significa "socialismo"), a forma criada ("coração com coruja" reúne os significados "unir" e "ver no escuro") e as palavras que se referem a madeira (soldada - "soldados"). Poucos dias depois, "falando com meu irmãozinho Boris (...) sobre este soldado...ele logo disse-me "sol dado" (soldado) achei muita liberdade...que me dava (...) mas

o conscientizei como "dado da sorte". O processo segue entrelaçando a madeira, a linguagem e as concepções.

Compreendemos melhor o que é a obra em madeira quando visitamos a casa de J.B.. Tal como os locais destinados às práticas religiosas, tudo lá irradia sentido. Dezenas de porta-retratos em forma de coração exaltam lembranças e amigos; corações com corujas entalhadas e outros desenhos exaltam idéias e ações. Até as plantas, "os cactos ...na minha área...que são enormes e estão em vasos pequeninos... já há muitos anos" (1988) lembram a origem nordestina da família e são "uma prova do meu caráter nortista". O anfitrião faz questão de percorrer todos os cômodos revelando de cada coisa a significação oculta. Neste "mundo de sentido" em que vive J.B. a linguagem é quem abre as portas. É ela que possibilita o infinito jogo do sentido.

Uma teoria sobre a linguagem

Resumindo sua vida em uma carta a um professor, J.B. escreve (1976):

"...quis ser frade para o voto de pobreza e fui negado apesar de ser Vicentino Associação que visita os pobres em 1934 eu com 14 anos de idade, depois estive cinco anos na umbanda e escrevi 3 mil e tantos pensamentos mas também me negaram minha evolução lá o que demonstra que é involução então hoje sigo o que sinto sim a Ordem Materialista Naturalista, que me dá liberdade em aceitar o português moderno como eu escrevo..."

Ter encontrado um caminho próprio de falar, escrever e entender as palavras da língua ("o português moderno como eu escrevo") é um acontecimento tão digno de registro quanto suas experiências religiosas. Mais interessante ainda é que a dedicação ao exame da língua figure no mesmo plano que estas investidas espirituais: participam de um processo de evolução pessoal. Em outro momento, J.B. fala da liberdade obtida através da "conscientização" dos signos verbais: "a língua portuguesa me ajuda na liberdade de meu consciente como "humana idade" (humanidade) em "pro da cura" (procura)..."

A concepção de língua que subjaz à prática da "conscientização das palavras" remonta a um passado longínquo, quando, segundo J.B., o medo ainda não interferia no destino das palavras. A história das línguas é degenerativa, por um lado, e progressiva, por outro. Se deixada ao trabalho livre do medo, as línguas se "inconscientizam" e deixam de dizer aos homens a verdade. A estes, no entanto, é dada a possibilidade de "conscientizar" os signos e de os reconduzir a seu sentido original.

A evolução do homem depende, portanto, de sua ação sobre os signos e a evolução da língua depende da ação do homem. Tanto no plano individual quanto no campo das sociedades, há chance de se evoluir ou involuir. Um homem (como ele) pode seguir solitário seu caminho de evolução linguística e pessoal. As sociedades também. Os franceses, por exemplo, em

alguns aspectos estão mais evoluídos do que nós, brasileiros: têm, por exemplo, duas palavras para significar os dois sentidos da palavra "presente" em português - "cadeau" corresponde a dívida" e "present" indica "período temporal". Nós "misturamos" os dois significados em uma única palavra e, nisto, somos menos evoluídos⁹. Sobre a evolução dos russos, escreve ele: "ouvi de um russo... que a palavra "MIR" quer dizer PAZ... como a mesma palavra quer dizer "MUNDO"...logo se sente o inconsciente coletivo natural do povo russo...querer livrar-se do parasitismo do medo..." (1988).

"Evolução", "liberdade" e "paz" são conquistas possibilitadas pela linguagem verbal. A linguagem, quando é forçada a se desembaraçar do medo, tem o poder de pacificar - a "pa lavra a paz". No labor em torno dos signos encontra-se, enfim, a maior liberdade: "porque eu escrevendo passo a viver os meus milênios de anos e mais". Viver a plenitude do futuro é, sobretudo, dar asas à criação linguística. Quando seria possível gozar com liberdade esta criação senão na solidão do ato de escrever? Sabemos o quanto compartilhar a linguagem impõe regras coletivas que limitam a nossa liberdade individual. Aprendemos desde cedo a "abaixar a orelha quando outro burro fala". Há quem transgrida estas imposições falando sozinho. J.B. parece ter encontrado no ato silencioso de escrever a sua verdadeira lei.

OBRA-VIDA

"...e quase chorou de alegria ao desenhar numa folha de papel as suas primeiras palavras. Parecia-lhe subitamente ter-se semi-arrancado ao abismo da bestialidade em que mergulhara e ter regressado ao mundo do espírito pelo cumprimento de um ato sagrado: o de escrever."

Michel Tournier
Sexta-feira ou os limbos do Pacífico

Tal como o Robinson Crusôe de Tournier, a escrita surge na vida de J.B. quando este se encontra em pleno "abismo". No início dos anos 50, em meio à fúria da "agressividade mental" aparecem os primeiros "poemas": "Janela Amada" (1953), "Bondade", posteriormente intitulado "Paixões Humanas" (1954) e "Mulher Preta" (1954). Serão exaustivamente referidos, declamados, oferecidos, copiados e até modificados, nas quatro décadas seguintes. "Janela Amada", poema que apresento no Anexo I, abre quase todos os cadernos. "Paixões Humanas" foi inclusive citado pela Dra. Nise da Silveira no livro **Imagens do Inconsciente** (1981:80): "E triste colhermos Rosas...e não termos a quem dar...".

Dos 69 cadernos redigidos por J.B., apenas 36 foram encontrados. Os outros 32, por empréstimo ou por descuido, foram desaparecendo ao longo das décadas. Apesar disso, todos os anos no período de 1953 a 1992 - com exceção de 1972 e 1975 - têm pelo menos um texto que os represente. É importante

lembrar que J.B. sempre fez questão de datar seus escritos. Até 1971, identifica-os pelo ano. A partir daí, os textos recebem a data do dia/mês/ano⁷. Considerando a produção dos cadernos encontrados, é possível estimar que J.B. tenha escrito mais de dois mil "poemas" em sete mil páginas aproximadamente.

Neste capítulo apresento a obra como um todo: temas, composição e linguagem dos textos, observados cronologicamente. Como o início dos anos setenta traz alterações linguísticas importantes, além de modificações com relação à temática e à forma dos "poemas", passo a chamar de Fase I o período que vem antes de 1973, e o período posterior, de Fase II. Assim, divide-se a obra em dois blocos de vinte anos aproximadamente.

Primeira Fase

Os "poemas" das duas primeiras décadas evocam imagens pueris ("Meninada Travessa", "Inocência do Amor", "Uma dança"), virtudes humanas ("Gratidão", "Fraternidade", "Amizade") e pessoas queridas ("Saudades de uma mulher", "Um exemplo, um retrato"...). São dedicados a pessoas próximas (parentes, médicos e amigos), às vezes a pessoas distantes ("a milenar Maria Madalena"). Muitos são dedicados à "Humanidade" e ao "Amor Indefinido Conscientemente Livre". Não há ainda "conscientização das palavras", embora o tema da "consciência"

seja frequente: "aqui vão palavras em forma de versos e poemas a nossos irmãos...! vêm de meu coração...são sinceras porque a base é a minha consciência" (1960).

Durante a Fase I já se encontra esboçada, ou mesmo concluída, grande parte das noções que compõem o "ideário" atual. A Ordem Materialista Naturalista existe quando J.B. escreve, em 1954, o "poema" "Paixões Humanas". Denomina-se, na época, "Religião Materialista Naturalista". O abandono do espiritualismo e a opção radical pelo "materialismo" fazem J.B. substituir - muitas vezes nos próprios originais - "Religião" por "Ordem". O tema do medo também é frequente neste período; da mesma forma, a oposição superficial/profundo, como vemos no "poema" "Gratidão" (1965):

"A vida humana deve ser vivida profundamente... e não superficialmente como infelizmente ainda vivem muitos homens... espalhando em primeiro lugar o Medo de si Próprio... de não poderem se completarem profundamente...no seio da humanidade... então abandonam suas forças profundamente humanas... para ir em procurá-las no Além... no Espaço... no Céu... as Flores Interiores... que neste caso... nunca as irão encontrar... a não ser mais Medo Inconsciente... por se sentirem desamparados de si Próprio... da Mão da Natureza...!"

Embora os "poemas" sejam, em geral, unidades acabadas - são todos assinados -, alguns raros textos estendem-se ao longo de cadernos inteiros, chegando um deles a ocupar grandes trechos de vários cadernos. Trata-se do "poema" "O vício de criar-se", composto de 70 partes, iniciado em 1965 e só concluído em 1967. Outro "poema" longo, "O Medo de ser bom",

tem quatro partes desenvolvidas em um mesmo caderno, durante o ano de 1965. A regra geral de composição dos textos é, no entanto: título, dedicatória, data, corpo (a maioria entre 10 linhas a 10 páginas) e assinatura. Conforme a época, estes componentes podem mudar. Por um longo período, por exemplo, J.B. incluiu o seguinte fecho: "É o meu melhor poema de minha vida...talvez não faça um melhor e também sem resposta negativa".

A assinatura é um aspecto curioso da obra de J.B.. Durante a Fase I, quem assina os "poemas" é "José Basto". A partir de 1971, o autor assina algumas vezes "José Antonio" (seguido ou não de "O.M.N."), e mais frequentemente "José Basto O.M.N.". Por um curto período de tempo, aparece uma grande abreviatura, cujo significado ainda desconheço: "J.M.A.S.T.B.B." e, a seguir, "O.M.N.". Atualmente o autor se nomeia "José Basto O.M.N.", mas acrescenta: "Zeca", ou "Do seu Zeca", ou ainda, "Do seu Zecão". Assim, pretende registrar em seu nome - **Ze cão** - e, por extensão, em si mesmo, a qualidade canina da fidelidade.

Nestes primeiros vinte anos de criação textual não aparecem ainda os jogos de palavras que irão caracterizar sua escrita nos próximos anos. O elemento mais incomum recorrente em seu texto é o uso de reticências substituindo vírgulas, pontos e demais signos de pontuação. Sem pontos para deter o fluxo das palavras e orações, o ritmo do texto ganha

velocidade e o fim parece ser sempre adiado. Este aspecto da pontuação encontra-se já nos primeiros "poemas" e persiste até os mais atuais. É talvez a marca mais singular da obra de J.B.: uma obra onde não há ponto final.

Escrito entre 1955 e 1958, o "livro da umbanda" parece destacar dos demais. Este caderno, hoje desaparecido, reúne mais de três mil "pensamentos" sobre Orixás, Exus e outros temas religiosos. A diferença dos "poemas", os "pensamentos" concentram idéias complexas em apenas uma frase: "não são desenvolvidos, têm a forma do inconsciente", comenta J.B.. Um "pensamento" sempre lembrado é: "Deus fundido na consciência humana". O volume, considerado muito "espiritualista", foi rejeitado quando J.B. concebeu a "Ordem Materialista". Deixa-nos, porém, imaginando: como seria essa "forma do inconsciente"?

Segunda Fase

Na segunda fase os temas "suaves" permanecem ("A vida é bela", "A Verdade Pura"...), mas deixam de ser maioria. Se na Fase I a escrita é dominada por uma temática de valores socialmente compartilhados (o amor, a verdade...), a preocupação deste segundo período é com o aprofundamento de ideais próprios. A reversão de princípios ("Quem com o ferro fere...Com o ferro será ensinado...!"), a experimentação da linguagem ("Ima..vi..agem...!"), os objetos feitos em madeira

("O porta jóia em corações...!)", os acontecimentos ("Um telefonema...!"); os temas universais de antes dão lugar às particularidades da vida e do pensamento do autor.

É o momento de consolidação da "arquitetura mental". A noção de consciente/inconsciente é perseguida em dezenas de escritos: "A Ação do Inconsciente em nossa mente...!", "Viver Com Ciência do Inconsciente...!", "A Verdade Livre do Inconsciente Natural", "A Libertação também do Inconsciente Artificial no Sonho"... Investigando a mente humana, J.B. estuda e analisa o inconsciente, como se procurasse a razão de suas dificuldades: "tive uma noite muito desanimada sob o domínio do meu Inconsciente Artificial Superficial o meu Nazismo..." (1981).

Os últimos cadernos que compõem a Fase I trazem modificações significativas. O uso frequente de letras maiúsculas ou do traço sublinhado para enfatizar alguns termos parece anunciar o início da interpretação dos signos. Ressaltar as palavras, ampliá-las para melhor sentir seu efeito, não seria o primeiro passo da "conscientização"? Como se a palavra ampliada saltasse da página e, no espírito do autor, exigisse novo significado²⁴. Os parênteses que surgem aqui e ali nos textos também servem à exigência metalinguística nascente. Explicar o sentido do que foi dito antes, utilizando parênteses, pode ser considerado o exercício incipiente de um jogo futuro, no qual estes signos de

pontuação, assim como as aspas, serão peça fundamental". Referindo-se a uma mulher, por exemplo, escreve J.B.: "VIVIAM (que lembra vida)". É possível que nesta forma balbucie o processo de "conscientização das palavras".

A primeira palavra "conscientizada", segundo informação de J.B., foi "presente". De fato, verifica-se que a expressão "o presente é um presente" é um dos primeiros jogos de palavras, aparecendo no "poema" "O símbolo da Castanhola" (1974). J.B. procurava, então, dar ao período de tempo "presente" a qualidade de dádiva, de dom. Posteriormente, o termo "presente" foi compreendido de outra forma: "o presente pressente o medo". A categoria temporal "presente" atribui-se a ação de "pressentir o medo". No primeiro caso, a "conscientização" não implica alteração da palavra "presente", pois esta permite os dois significados, tanto de "dádiva", quanto de "período temporal". No segundo caso, há crença de que a palavra "presente" deveria ser originalmente "pressente". A explicação do intérprete: o medo alterou os sons e nos deu "presente", adulterando o signo original.

A interpretação das palavras "inveja" e "agosto" - inveja/não veja e a gosto - é, pelas minhas observações, anterior ao aparecimento da expressão "o presente é um presente". Embora constem do mesmo caderno, as duas primeiras datam de 1973, enquanto a última é de 1974. Vinte anos passados, estas palavras ainda hoje são usadas em sua forma

"revelada". A "conscientização" não é um ato perdido, mecanismo gratuito que a cada momento impõe significados efêmeros. Cada palavra "conscientizada" é mantida como um achado, como algo que foi descoberto e não pode ser esquecido. "Conscientizar" uma palavra é um processo que envolve pessoas, lembranças e acontecimentos, muitas vezes levando dias para se concluir.

Posteriormente, quando o trabalho de "conscientização" já está bem avançado, J.B. retorna aos cadernos iniciais para "conscientizá-los". Rasura os originais e inclui novas interpretações. O "poema" "Mulher Preta"¹⁰, por exemplo, é bastante alterado: "lição" passa a ser li a ação; "sentimento", sentimento; "humanidade", humana idade e assim "missão", "direito" e outras palavras são alteradas. Ao final, junto a seu nome, é acrescentada a sigla O.M.N.. Outros textos, considerados agora ultrapassados tiveram sorte diferente: são riscados com um grande "X".

Apesar deste esforço de "recuperação" dos "poemas" antigos, J.B. prefere a versão original para declamar ou quando oferece cópias aos amigos. Na cópia manuscrita que ganhei do "poema" "Janela Amada" são poucas as alterações feitas com relação aos originais. O trecho "Que então quando lá abrir-se...verei então a imagem das tuas virtudes...como Rosas...Amores Perfeitos (como hoje chamo a Rosa) nascendo em meu coração....!", é acrescido da parte

sublinhada, uma vez que J.B. não admite mais chamar as rosas de "rosas" (isto é, "vermelho desbotado"). Prefere chamá-las de "Amores Perfeitos". Se ele não soubesse do meu interesse por sua linguagem, possivelmente teria copiado o "poema" exatamente como o original.

Em um momento da vida de J.B. este processo de "conscientização" teve início. Pelo que os textos indicam, 1973 foi o ano decisivo. A partir daí, sua linguagem inicia um caminho solitário, verdadeira "semiosis introvertida"¹¹, em que parece dominar o desejo de simbolização: "essa linguagem, carregada de símbolos e metáforas, permanece obscura de propósito, para que apenas os iniciados possam captar-lhe o sentido. É um terreno juncado de armadilhas: para atravessá-lo incólume é preciso conhecer suas senhas" (Eisner:1985:18).

Aprender esta linguagem é, portanto, tarefa de "iniciados". Não é para menos. Com o desenvolvimento da "conscientização", os textos de J.B. tornam-se complexas montagens simbólicas. Não há caos. A linguagem jamais se desarticula; a desmontagem e remontagem das palavras nunca comprometem a significação total e a coerência do texto. O que ocorre por vezes é que podem nos faltar instrumentos contextuais para que possamos unir as peças do quebra-cabeças. Noutros momentos, somos lançados no fluxo veloz das desconstruções e reconstruções e perdemos o fio da meada. Mas

o discurso, como uma engrenagem de sentidos, é coerente com o seu propósito de simbolizar.

O desconhecido da obra

Quando a forma de seus textos, já bem consolidada em quase quarenta anos de trabalho, parece ter um aspecto padrão do relato em diário e da carta, eis que um amor recente faz o autor procurar o verso, compor estrofes, poetizar à risca: "Põe meus' (Poemas) olhos nos teus olhos" intitula-se um desses poemas "poéticos"². Enquanto as margens laterais alargam, o texto afunila-se, deixando ver um esforço, muitas vezes frustrado, de domar a escrita que "conscientiza" pelo texto enamorado:

Chego a loucura por ti...!
 Mas... mas essa loucura...Tenho certeza...!
 Já "não" é a loucura do medo...! Transformou-se na
 "loucura do amor" conscientemente livre...!

Habituatedo a preencher as linhas até o final, o autor descuida, deixa que a caneta deslize e os versos se justaponham. As estrofes, quase sempre numeradas, parecem exigir do criador um rigor impossível. E lá se vão os versos se estendendo, ocupando toda a largura do papel, as palavras se abrindo para o "verdadeiro" significado:

"2-E o "é la (ela) que está em meu mais profundo coração...O seu "Dom na (Dona) minha mente mais profunda conscientemente livre...! Que "é le (ele) meu coração... mais profundo coração... conscientemente livre...!

Então seu "image (imagem) tanto em mim...
que "fico extasiado"...diante o teu sol interior...
"mulher"...não vale a pena nem pensar...!

Difícil acompanhar uma obra gigantesca que a todo momento se expande. Mal começava a catalogar os volumes, a folhear as páginas e ver o que foi feito, o presente da obra já se apresentava com todo vigor, novos "poemas", novos livros, dando a impressão de que muito ficaria necessariamente desconhecido. Perseguimos uma "obra aberta": não escreveu J.R. há pouco tempo o "poema" "Janela Amada ?", em que uma simples interrogação poderia levar o autor a modificar todos os cadernos em que figura o "poema" anterior e original "Janela Amada"? Há sempre o risco de que este desconhecido desfigure o retratar da obra e o torne inatual ou impróprio. Risco necessário, já que se trata de vislumbrar um "infinito" - o ilimitado do autor ou o interminável da obra.

III

"FALO POR SIMBOLISMO"

Pensamos que se tem privilegiado a linguagem (por sua aproximação às linguagens restritas dos sistemas formais) como instrumento de regularização e normalidade, limitando-se a sua virtualidade, quando um de seus aspectos (essencial) é o de prestar-se eficazmente à subversão das categorias e valores, à expressão da 'esquizofrenia' que cria universos encantados, poemas, teorias."

Carlos Franchi (1992)

No começo era o jogo de palavras.
Samuel Beckett

O jogo de palavras avizinha-se do anormal:
é loucura das palavras.

T. Todorov

No começo era a loucura das palavras. Quantos homens idealizaram semelhante origem para a linguagem? Poucos, certamente. O mais comum sempre foi a nostalgia do Um, o mito de uma língua única e universal, exata em sua atribuição de palavras a coisas - língua adâmica, pré-babélica. Isenta de imprecisões, duplicidades, insensatez. As utopias clamam por ordem, não por caos.

Que dizer então dos "loucos", destes que pregam a vizinhança "anormal" entre o Verbo e o jogo de palavras? Dos que fazem da prática da duplicidade um método de conhecimento sobre a origem da língua e de suas relações com as coisas do mundo? Que pensar daqueles que, no jogo das palavras e no jogo de palavras, encontram suas utopias? Quem se aproxima destas perguntas é logo tomado de perplexidade, tamanho o entrelaçamento da loucura do homem e a das palavras: não se sabe se é a loucura do homem que se apodera das palavras ou se é a das palavras que se apossa do homem.

Dedico este capítulo ao estudo dos "descaminhos" da linguagem de um homem: em razão de que processos, de que

regras, faltas ou excessos, o discurso de J.B. se torna (é considerado) patológico, louco? Não quis realizar um estudo exaustivo. Apenas pincei alguns fatos de linguagem que considero expressivos no discurso de J.B.. Especificamente, procurei: 1) relacionar brevemente sua fala à análise de Todorov dos processos de referência do discurso psicótico; 2) aprofundar a questão das "conscientizações" de palavras.

Baseei esta análise em dados - textos e palavras "conscientizadas" - pertencentes ao último caderno de J.B., escrito entre os anos de 1988 a 1990¹. Escolhi este período porque ele me pareceu representar um momento em que a linguagem reflete e repete procedimentos de pelo menos uma década. Apesar do volume crescente dos jogos de palavras, o discurso como um todo pouco se altera neste tempo, o que se pode notar comparando textos mais antigos com os atuais². Meu objetivo, portanto, é retratar desta linguagem as singularidades que se consolidaram, as que se fortaleceram e que hoje constituem um discurso bastante particular. "Loucura de palavras", sim; "salada de palavras", jamais.

A construção da referência

O que faz uma fala ser considerada anormal, patológica ou psicótica³? A hipótese de Todorov sobre as perturbações do discurso psicótico repousa sobre uma das teses clássicas da psiquiatria acerca da psicose: "se a psicose é uma perturbação

da relação entre o eu e a realidade exterior, o discurso psicótico será um discurso que fracassa em seu trabalho de evocação dessa realidade; dito de outro modo, em seu trabalho de referência" (id.:75). Segundo a concepção de Todorov, o fracasso da referência pode assumir três formas:

- 1) refúgio no silêncio ou recusa de fala, quando a própria fala é atacada;
- 2) o discurso cria referência sem fazer distinção entre real e imaginário, evocando mundos fantásticos, residindo o problema, por conseguinte, naquilo de que se fala;
- 3) o discurso não consegue construir referência, a capacidade que as palavras têm de se referir às coisas é afetada ou destruída.

Estes três tipos de discurso correspondem, para Todorov, respectivamente a três espécies de psicose: a catatonia, a paranóia e a esquizofrenia. Se quiséssemos relacionar a linguagem de J.B. com as categorias de Todorov, de início seríamos obrigados a excluí-la da primeira delas, pois em momento algum J.B. se recusa a falar, muito pelo contrário, aliás. Com relação à terceira - discurso sem referência -, vejamos o texto abaixo (1988), escolhido entre muitos outros que poderiam cumprir o mesmo papel de ilustração:

(1) "Voltando à gravação da fita feita pelo meu irmãozinho Manoel puro conscientemente livre...no dia que ele gravou as músicas depois do Pour Elise...eu lhe levei um amor perfeito amarelo (rosa) tendo alguns riscos vermelhos e sem espinho o que foi um modo de

exaltar o grande dia...pois quem dá recebe e ele recebeu um puro amor meu...! modéstia a parte...! pois meus irmõzinhos merecem...!

Em seguida, comparemos este trecho de J.B. com o exemplo que Todorov fornece para caracterizar falas que, em seu entender, não constroem referência:

(2) "Claro, o diretor enfrentou a polícia, como era o seu papel, pois ele é diretor administrativo; ele me diz isso, joga-me o bisturi na cara e a camisola nos braços. O diretor me faz pegar, eu fiz pegar dois policiais, claro, pois os dois estão de acordo para desfigurar, o médico me insufla e anestesia; agora que a investigação terminou, ele desfigurou, é tarde demais, agora ele desfigurou, é ele a culpa."

Do ponto de vista dos processos linguísticos que Todorov considera relevantes para a construção ou a desconstrução da referência no discurso, as diferenças entre os dois textos são flagrantes. Assim, com relação ao funcionamento dos elementos linguísticos que remetem a outros segmentos do enunciado - elementos de coerência - observa-se, por exemplo, que:

- Enquanto o segundo texto contém anáforas pronominais abundantes e indeterminadas, no primeiro é possível determinar facilmente os antecedentes. Ai, reconhece-se a referência de "ele" (Manoel) e "eu" (quem escreve) sem dificuldades. Do segundo texto se duvida: "'Ele desfigurou': quem, o diretor, o médico, ou um dos policiais? E quem é esse 'ele', de quem é a culpa?" (id.:79).

- Também as conjunções que exprimem relações entre proposições se comportam de maneira distinta nos dois casos. "Pois" no texto de J.B. corresponde a uma relação de justificativa ("dei a rosa pois quem dá recebe e porque merecem"). No segundo texto, a última inserção de "pois" é, segundo Todorov, uma "pseudo-motivação": "eu os fiz pegar pois estão de acordo para desfigurar".

Poder-se-ia examinar ponto por ponto os elementos de coerência que Todorov considera condições necessárias à referência e que fracassam nestes discursos do terceiro tipo: aí proliferam proposições inacabadas, em parte devidas ao emprego de verbos transitivos sem complemento (como no enunciado citado, "ele desfigurou"), assíndetos semânticos, quer dizer, proposições acopladas sem qualquer relação de conteúdo ou sem conjunções que indiquem a hierarquia que mantêm entre si... A singularidade da linguagem de J.B. não parece residir nestes aspectos. Nem no mau uso ou desuso dos termos indiciais, os dêiticos, que fixam a referência.

Jakobson (1986:197) observou que os poemas da fase final e mais delirante de Holderlin "evitam esta classe gramatical dos "dêiticos" (shifters) que remetem o evento narrado ao ato de comunicação e a seus participantes. Ou ainda (id.:198): "renunciando a toda dêixis, os substantivos, liberados de sua função referencial (...) se transformam em cadeias ordenadas de termos abstratos".

Bem o contrário notamos na linguagem de J.B.: as palavras se prestam a falar das coisas. Escrever, para ele, não é um verbo intransitivo. Ele não é um caso típico do que concluiu Todorov a respeito do esquizofrênico, em seu entender um ser que "fala sem dizer" e em quem se encontra, ao mesmo tempo, "a apoteose e o fim da linguagem". O discurso de J.B. dedica-se a relatar o cotidiano, relembrar o passado, descrever os encontros, importando-se particularmente, e mesmo ao exagero, com datas, nomes, circunstâncias... Evocação do mundo, obviamente à sua maneira e do seu ponto de vista, é o que não falta em J.B.:

(3) "Na quinta feira santa...fui à casa gloriosa de Fernando puro conscientemente livre...a pedido de sua maezinha pura conscientemente livre...pois ele estava muito nervoso...e lá vi através do doutor Carlos boníssimo conscientemente livre...que lá estava...de que a janela dele...de seu apartamento estava caindo...e assim comprei parafusos...e a coloquei no lugar..." (1988).

Entretanto, os textos de J.B. não falam apenas de um mundo real ou possível para nós, "normais". Como se pode observar neste relato, o aparecimento constante de expressões como "gloriosa", "conscientemente livre", "puro/pura", "boníssimo", interrompendo a continuidade do discurso, apontam, fazem referência, a um universo singular de idéias e valores. Neste sentido, valeria a pena ressaltar a importância particular da recorrência da expressão "conscientemente livre" e suas variantes ("mas ainda inconsciente"...), como que a pontuar o discurso. Verdadeiras operações de encaixe que abrem

brechas para dimensões psíquicas reiteradamente apontadas que sempre se repetem: "puro conscientemente livre", "boníssimo mas ainda inconsciente"...

Os textos de J.B. discorrem sobre utopias, revelam crenças e medos que nos parecem imaginários. Descrevem, sobretudo, um mundo povoado de palavras e coisas que se comunicam secretamente e de que é mister lhes revelar o "verdadeiro" sentido. Como na continuação do texto acima:

(4) "...de lá saímos e fomos a uma papelaria e ele xerocou alguns papéis seus e me deu uma caixa de papelão...para eu segurar (...) e logo a coloquei em baixo de meu braço direito e assim foi até a casa de Fernando profundamente nobre conscientemente livre...e chegando lá...logo lhe disse: Fernando você está vendo...como a direita só faz papelão...quando quer ser a principal...e ele ainda disse-me: não entendi e logo lhe disse que em momento nenhum...passei para o braço esquerdo...pois disse-lhe: a esquerda o coração não faz papelão...! de jeito nenhum...!

O transportar uma caixa de papelão sob o braço direito significa algo mais que uma casualidade: na aproximação do nome do material da caixa com a simbologia dos braços esquerdo e direito, o acontecimento ganha sentido. Com a ajuda de um jogo de palavras, J.B. faz de "papelão" (material da caixa) "um papelão!" (uma conduta vergonhosa). E assim J.B. faz sua leitura do mundo: no tanger das coisas, acontecimentos e palavras; revelando de cada parte um outro sentido e da combinação de tudo um sentido "trascendente" (metafísico, ético, político...).

J.B. apresenta-nos um mundo ao mesmo tempo real e imaginário. Simultaneamente assemelha-se e difere dos discursos imaginários, a segunda categoria de Todorov. Seus textos jamais são inteiramente fantasiosos, como a fala deste paciente do Museu de Imagens do Inconsciente, registrada por mim durante a pesquisa de campo:

(5) "Eu fazia parte do planetário e fugi do meu pai (...) fugi com meu irmão e minha irmã numa espaçonave (...) quando estava na espaçonave sozinho entrei em um compartimento que não podia entrar, mas não sabia que deus estava ali..."

Sobre estes discursos imaginários, comenta Todorov (id.:76): "teria bastado, no entanto, que este discurso fosse apresentado como uma ficção ou como uma maneira de dizer outra coisa indiretamente (por alusão, por tropo, por brincadeira) para que desaparecesse qualquer caráter patológico". De fato, a continuidade deste relato interplanetário poderia ser uma saga de ficção científica se - e aí reside, para o autor, a principal diferença entre a narrativa fantástica e a paranoica - fosse acompanhado de índices que nos fazem compreender que seu autor não 'crê' nos acontecimentos evocados. A "loucura" não estaria, portanto, dentro do próprio discurso, mas na atitude que o locutor assume com relação a ele: considerá-lo verdadeiro².

Do ponto de vista estritamente linguístico, portanto, estes discursos imaginários podem ser pouco interessantes, detendo-se a investigação no exame dos índices lexicais e

prosódicos eventualmente ausentes. No entanto, a curiosidade por estes discursos não se esgota aí: incitando a linguagem a falar de mundos não-existentes, estas falas revolvem o terreno complexo da verdade e da ficção, problema colocado por G. Frege (cf. Henry:1977:3), ao mostrar que "a gramática e não apenas o léxico através de questões de referência é tal que a língua permite criar um mundo de ficções, dar aparência de que objetos existem quando eles inexistem". Não obstante comungar com a narrativa ficcional a possibilidade de prescindir de referentes, mesmo assim o discurso da loucura não é dispensado de se apresentar ao tribunal da verdade:

"Quando ouvimos por exemplo um poema épico, o que nos fascina, fora da eufonia verbal, é unicamente o **sentido** das frases, assim como as imagens e os sentimentos que são evocados por elas. Se se colocasse o problema da verdade, deixar-se-ia o prazer estético e voltar-se-ia para a observação científica. Eis por que, na medida em que consideramos um poema como uma obra de arte, é para nós indiferente por exemplo que o nome 'Ulisses' tenha um referente ou não" (Frege *apud* Ducrot e Todorov:1977:252).

Ao contrário, interrogar uma fala psicótica sobre sua verdade é algo em geral tido como bastante pertinente: não lhe cabe o recurso do poema ou da obra de arte. Se um homem se auto-denomina "Ulisses" e não estamos em um contexto que atribua plausibilidade a esta afirmativa, deconfiamos de imediato de sua sanidade mental. Com efeito, estas falas são julgadas exatamente pela dimensão do fosso que cavaram entre signos e realidade.

Focas passagens de J.B. são tão puramente imaginativas que possam ser consideradas ficção pelo simples acréscimo de uma expressão do tipo "era uma vez". A evocação constante de uma realidade cotidiana, os fatos do dia que recheiam os relatos, e, acima de tudo, a presença insistente da linguagem como objeto do discurso tornam seu texto dificilmente enquadrável na tipologia estabelecida por Todorov.

Poder-se-ia conceder que o de J.B. guarde do discurso paranóico, tal como o concebe Todorov, uma certa capacidade de fazer a linguagem delirar sobre as coisas e de acreditar neste delírio discursivo. Há, no entanto, algo bem próprio ao funcionamento da linguagem que nele se exerce intensa e particularmente. Não é a dêixes, nem são as anáforas, não se trata de um mau uso das regras da língua. A linguagem de J.B. absolutamente não peca por falta, por um "menos" com relação à produção linguística considerada normal. Ao contrário, excedendo-se no jogo com a linguagem, J.B. realiza sua utopia: um delírio intrinsecamente linguístico.

O jogo de palavras

Buscar similares sonoros com sentidos diferentes para as palavras e acreditar que tais achados sejam originais e verdadeiros: eis, em síntese, a prática e a teoria de J.B. sobre a linguagem. Como vimos anteriormente, a técnica do trocadilho é sustentada pela crença - delirante dir-se-ia - em

que seja plausível procurar nos jogos de palavras pela origem dos signos.

Esta singular concepção de linguagem tem, curiosamente, ao que eu saiba, pelo menos um outro adepto também considerado psicótico. Trata-se de Jean-Pierre Brisset, autor de diversos textos sobre a formação das línguas e defensor da seguinte "lei" sobre a linguagem: "o estudo da relação que existe entre as diferentes idéias expressas por um som ou uma sequência de sons idênticos leva naturalmente o espírito a encontrar a formação da palavra...". Desta "lei" resultam séries de revelações, tais como: "D'ai sein, dessein, dessin (...) Bé à sein, bassin. Sein j'ai, singer. Sein d'ai, scinder. E sins, ai sein, essaim. Sue quai sein, suc-sein, succinct. Meus à le sein, malsein...".

Reflexões sobre as fronteiras entre etimologia e trocadilho fazem-nos ver com menor estranheza esta aproximação delirante entre origem e jogo. Como J. Culler observou (1988:2-3), tanto na etimologia quanto nos trocadilhos dois significantes distintos, que soam parecido, são aproximados e a relação de superfície entre eles investida de sentido: "ambos usam formas relacionadas para conectar significados diversos, e, como no fazer trocadilhos, o interesse das etimologias reside no acoplamento surpreendente de sentidos diferentes (...) Etimologias, pode-se dizer, dão-nos trocadilhos respeitáveis dotando-os da autoridade de ciência e

mesmo de verdade". Parece bastante razoável, portanto, que um falante, como J.B., imbuído da tarefa de reconstruir uma origem imaginária para os signos, recorra aos trocadilhos: como uma paródia do método científico, o jogo de palavras permite que se encontrem correspondentes "primitivos" no vocabulário pessoal, estabelecendo relações temporais entre signos de um mesmo período histórico.

Possivelmente não haverá apenas dois psicóticos, que experimentaram o trocadilho como "método de conhecimento" da língua. Afinal, entre os tantos que deliraram, idealizaram ou refletiram sobre a linguagem (e aqui incluem-se os "razoáveis" e os "irrazoáveis"), quantos não acreditaram no jogo de palavras como recurso coerente de acesso à verdade sutil dos signos e das idéias? "Esta era a prática dos etimologistas pseudo-científicos, embora eles não houvessem desejado fazer disso um jogo" (Todorov:1980;303).

Também as sociedades produzem e usam formas baseadas no parentesco entre trocadilho e etimologia - o que em geral se chama de "etimologia popular". Se a prática do trocadilho é uma realidade da linguagem, incontestável e cotidiana, também é constatável a crença na veracidade dos signos obtidos por este meio. Nem tão delirante é assim, portanto, a atividade linguística destes dois "fous du langage", para usar a expressão de Marina Yaguello. Se delírio, ao menos não se trata de um cometimento solitário.

Como realidade da linguagem, o que fazem os trocadilhos? Como fato de linguagem tida por patológica, que podem revelar? Resposta a estas indagações está longe de ser definitiva, evidentemente. Neste trabalho, procurei apenas aproximar as palavras que J.B. diz "conscientizar" de fatos de linguagem consensualmente considerados "não patológicos" (por exemplo, produções humorísticas e poéticas) para deles extrair o início de uma compreensão da especificidade dos procedimentos linguísticos de J.B.. Consideremos as seguintes interpretações de J.B., extraídas de seu último caderno:

(6) "...o verdadeiro casa mente (casamento) profunda conscientemente livre..."

(7) "...trazendo desta forma a cria ancia (criança) a ter mais ancia..."

(8) "...chamo então recorda as ações (recordações) de nossa infância..."

(9) "...dizia eu que vivia a só lhe dão (solidão) amor..."

(10) "Luz lá (Lula) em nossos corações..."

(11) "...assim se sente a conscientização da palavra sã está (santa) tua consciência..."

(12) "...para grava a dor (gravador) dos pobres..."

Chamemos estes jogos de palavras, arbitrariamente, de "associativos", por oposição aos seus semelhantes de humor em (13) e poéticos em (14). Os primeiros são de Millôr Fernandes e integram seus bem-humorados "dicionários", o etimológico e o dicionário. Os calembours poétiques são de Michel Leiris⁷.

(13) comichão - devora terra

fascinantes - certas mulheres que antes de cederem acenam que sim

sentimental - faltando-me tu eu fico cerebral

desenvolta - dez pessoas cercando uma

caligrafeia - letra ruim

desabrotoar - desabotoar um broto
cartomente - uma adivinha que nunca diz a verdade

- (14) **morphine** - mort fine
naissance - n'est sens
mémoire - mes moires
fortune - forte en thunes
démon - mon dé

O que têm em comum tão singulares interpretações, cujos efeitos são os mais distintos? Em seu trabalho sobre a ação interpretativa do leitor dos jogos de humor "Fazendo as palavras render: o inconsciente é infantil?", Sírío Possenti (1992:1) considera as definições de Millôr "exemplos interessantes da heterogeneidade do discurso"¹⁰, "palavras sob palavras" que se apresentam como "outros discursos", "outros sentidos". Seria possível estender estas considerações às produções "associativas" de J.B. e poéticas de Leiris e dizer que se trata igualmente nestes casos, de revelar um "outro sentido", seja este mais jocoso, lúdico, profundo, consciente ou inconsciente?

Vale a pena observar que quando acontece de uma mesma palavra ser descoberta coincidentemente por dois destes "intérpretes" de palavras, o resultado é ainda mais heterogêneo. Por exemplo, quando J.B. e Millôr exploram a palavra "abençoado", Millôr propõe "abensuado (louvado cristãmente por ter feito um grande esforço físico)" enquanto J.B. encontra **a bem sou a dar** (sou de bem quando dou). Também compartilham diferentemente as possibilidades expressivas de "carioca": "carioca (guanabarina com dente

furado)", para Millôr; ca rio ca (aqui se ri), para J.B. Millôr e Leiris, nas suas individualidades e nas particularidades de línguas distintas, exploram "abdomem": para o primeiro "abdhomem" é uma "barriga máscula; "abdomen" para o outro, é "bas domaine". Parece necessário concordar com Leiris quando este sugere que o sentido descoberto - engraçado, poético ou inconsciente - é aquele que cada um atribui "selon le bon plaisir de son esprit" (cf. Lapacherie: 1983:31).

Ao explicitar os caminhos através dos quais Millôr chega às definições que compõem seu dicionário etimológico, do qual constam palavras como "desenvolta" e "fascinantes", Possenti sugere um procedimento básico: aplica-se a regra "ao mesmo significante corresponde sempre o mesmo significado" (id.:3), de forma a segmentar "morfemicamente" as palavras. A este processo de segmentação, análogo ao método de comutação estruturalista (através do qual se descobrem os elementos significativos) somam-se alterações fonéticas e fonológicas, como, por exemplo, a abertura da vogal arredondada de "volta".

Nos "verbetes" do dicionário - onde aparece, entre outras, a palavra "caligrafeia" - aplica-se o corolário da mesma regra: "se há um sentido, então deve-se adaptar o significante para que o represente adequadamente" (id.:4). Portanto, para Possenti, é através de uma regra única que fixa entre si significante e significado, além de processos de

segmentação e adequação da cadeia significativa que se descobrem estas "outras palavras".

No âmbito deste estudo, limitei-me a tomar a regra de Fossenti como ponto de partida para a reflexão sobre a atividade de segmentação empreendida por J.B., mais precisamente, sobre as estratégias pelas quais se associam fragmentos com outros fragmentos, pelas quais surgem outros significantes e outros sentidos.

Por algum motivo, sobre o qual não cabe especular nos limites deste trabalho, na relação de J.B. com a linguagem, em alguns momentos e diante de determinadas palavras deparamo-nos com uma espécie de insubmissão frente aos sentidos configurados: uma fuga à restrição. O. Mannoni (1992:139) põe este ponto em evidência em seu trabalho sobre a linguagem da esquizofrenia quando diz que o esquizofrênico tem medo do sentido e o que ele realiza na linguagem é uma forma de se proteger contra o sentido que as palavras possam ter. O esquizofrênico, diz Mannoni, "não ignora o sentido das palavras que utiliza, ou, pelo menos, não o ignora mais do que o comum dos mortais. O fato é que não o aceita" (id.:140). É exatamente a recusa à restrição que o deixa na busca incessante de novos recortes e ordenações possíveis.

Em J.B. a insubmissão caracteriza-se, de um lado, por uma particularidade: não se trata de uma recusa pura e simples, em que tudo do sentido configurado seja rejeitado. Para ele este

Último não é suficiente: é preciso que outros sentidos venham a ele se agregar, como em *ah li ancias*, em que o intérprete reitera simbolicamente a palavra "alianças": "*ah li ancias* no matrimônio de meus pais". *Trata mente* (tratamento da mente), *cria ancia* (criança cria ansia), entre muitas outras expressões, apresentam esta coexistência entre o sentido configurado e o sentido aflorado.

Por outro lado, através de uma atividade sempre reiterada em busca das virtualidades e possibilidades associativas que a palavra contém, observa-se um movimento paradoxal entre "semelhança" e "diferença", pois ao mesmo tempo que o autor procura a semelhança que a palavra possa ter com outras, ele encontra a diferença que ela contém em si mesma. Por vezes este movimento paradoxal gera verdadeiros "paradigmas associativos" que tomados em conjunto mostram uma tendência da linguagem esquizofrênica, apontada por Mannoni, de retorno ao significante (id.:141).

Vejamos os exemplos abaixo em que "mente" e "idade" parecem recorrer indefinidamente, fruto dos mais diversos processos de segmentação, resultado das mais diversas ordenações. A atenção dispensada ao significante parece aqui advir de uma espécie de paroxismo da atividade apreendida por Possenti nas situações de jogos de palavras. Paroxismo que termina negando a própria regra: a irrupção reiterada do significante não mantém o significado, mas o empurra para a

deriva: "...e assim fazer sempre raiar a feliz idade (felicidade) que vem de nosso nasce mente...".

"Paradigma" com "mente":

- (15) "...que é so mente (somente) o que existe no ser humano..."
 (16) "...quando não sentimos o sofre mente (sofrimento) profunda..."
 (17) "...quando conscientizo a palavras trata mente (tratamento) escrava do medo..."
 (18) "...pois tive a oportunidade de libertar um pensamente pesa mente (pensamento) muito profundo..."
 (19) "...sempre transformando a mente tira (mentira) profunda em luz..."
 (20) "...e assim por este move mente (movimento) e a ação social..."
 (21) "...devido a profundidade enorme dos exercícios de relaxa mente (relaxamento) superficial
 (22) "...e assim ela poder pesar mais os seus senti mentes (sentimento) profundas..."
 (23) "...se o inconsciente natural me ajudar eu evoluo humana mente (humanamente) logo a mente profunda..."
 (24) "...desde nosso nasce mente (nascimento) profunda..."
 (25) "...irá certamente atrapalhar o desenvolve mente (desenvolvimento) coletiva..."

"Paradigma" com "idade":

- (26) "...é o dia da vitória da humana idade (humanidade) sobre o nazismo..."
 (27) "...do libertar a idade (liberdade) do medo..."
 (28) "Evoluindo a igual idade (igualdade) infantil nds chegamos a nós mesmos..."
 (29) "...onde transformo a 'saudade' do medo em saude idade (saudade) sã..."
 (30) "...então vou desenvolver a minha simplicidade simples idade (simplicidade) infantil..."
 (31) "... eu aprendo com a profunda realidade real idade (realidade) humana..."
 (32) "...e assim fazer sempre raiar a feliz idade (felicidade) que vem de nosso nasce mente..."
 (33) "...estou descrevendo um trecho do meu poema com o nome a verdade ver a idade infantil..."

Uma vez descoberto "ancia" (ênfia) em "ança", inicia-se uma nova vizinhança entre termos:

- (34) "...originadas sempre pelas **espera ancias** (esperanças) sempre do medo..."
 (35) "Ah li **ancias** (alianças) de meus paesinhos..."
 (36) "...por toda sua vida nas **lembra ancias** (lembranças) da infância..."

O mesmo ocorre com "ção/ação":

- (37) "...logo lembrei de minha **meditação medi esta ação...**"
 (38) "...devido as **reações** do mundo, sim **reagem as ações** (reações) da natureza..."
 (39) "...nos dá esta li a **ação** (lição) da natureza..."
 (40) "...as profundas **orações ora as ações** em nossos **cor ora ações** (corações)..."
 (41) "...tornei a chamar a **atenção a tem ação** (atenção) dos inconscientes..."
 (42) "...nas minhas **con tri ações** (contrição) **três ações...**"

Outras interpretações são mais singulares, não parecem motivadas por interpretações passadas, nem figuram em séries:

- (43) "...dizia eu que vivia a **só lhe dão** (solidão) amor..."
 (44) "...**Poupo lar** (popular) sempre no socialismo livre do medo..."
 (45) "...e tomar nota das **vi histórias** (vitórias) do medo sempre **traíçoeiro...**"
 (46) "...logo é o **compacto com o pacto** (compacto) dos pais com os filhos..."
 (47) "...o socialismo vivo **vi vou** (vivo) sempre para o amor..."
 (48) "...**ar te** (arte) dou..."

fazem aparecer associações raras, não recorrentes. É possível que "so lhe dão" mantenha, neste singular "sistema" interpretativo, relações com "so mente", sendo "so" um elemento "virtualmente significativo". Seria preciso, contudo,

encontrar outros exemplos em que "so" se destacasse da palavra e entrasse no mesmo paradigma associativo. A interpretação de nomes próprios e apelidos figura dentre as descobertas singulares: **Briza olha, Luz lá, Ze cão**. Não faltam nomes de meses (**a gosto meu**), numerais ("**...vim te dizer...**") e cores (**amar ela, ver me lha, ver de**) entre as palavras "conscientizadas".

Estes últimos exemplos - **ver me lha** e **ver de** - indicam uma outra diferença que as interpretações de J.B. apresentam com respeito às definições humorísticas e aos trocadilhos poéticos. As "conscientizações" de J.B. inserem-se no discurso e desta condição tiram proveito. Muitas vezes a ação interpretativa se estabelece sobre um grupo de palavras, que se agregam de forma a possibilitar que um "outro discurso" ali se construa. Nos casos acima, é "**ver me lha** dou minha vida" e não "**ver me lha**" que aparece; "**ver de** meu mais profundo ser" e não apenas "**ver de**". Numerosos exemplos destas composições de palavras são encontrados, embora grande parte dos jogos de palavras expressem sentido relativamente depreensível dentro dos limites da palavra interpretada. Nestes casos, em que grupos de palavras são recorrentes, apenas a palavra-núcleo é "trabalhada" pelo intérprete, como nos exemplos abaixo:

(49) "**...alemão alem da mão** (alemão) direita é a esquerda brotando..."

(50) "**...isto é sentir o se um me** (ciúme) ajudar com seus exemplos humanos..."

(51) "...é sentir a verdade do de aos (deus) outros liberdade..."

(52) "...pois trago o não me dou (medo) comigo mesmo a luz da consciência coletiva..."

(53) "...que vem tirar a máscara sim mais cara (máscara) do que podemos pagar..."

Como os "sentidos descobertos" inserem-se em um tipo de "sistema" de pensamento e valores que polariza até as palavras, é comum observarmos termos considerados "negativos" serem "positivizados" pela outra significação: "se um me (ciúme) ajuda com seus exemplos" é uma boa ilustração. Outras interpretações deixam aberta a possibilidade de se combinarem os signos revelados e desta composição extrair um valor: "so lhe dão amor", "so lhe dão medo", "nasce mente profunda", "nasce mente superficial"... Em geral, as palavras finalizadas por "mente" "pedem" signos que indiquem valor positivo ou negativo.

Dentro do movimento interpretativo de "conscientização" é preciso dar destaque àquilo que segundo J.B. é "inconscientizável": "homem", "mulher", "guerra", "espírito" e "trabalho" figuram entre os poucos termos citados por J.B. que "resistem à conscientização". Em virtude da escassez destes dados, não é possível verificar se esta sua hipótese de "resistência" se deve a particularidades linguísticas destas palavras ou se resulta unicamente de um "sistema" de idéias que estabeleça, para todos estes casos, uma justificação, nunca linguística, mas de coerência "política", "filosófica"

ou "imaginária". É caso de "trabalho": "uma palavra que o medo vem trabalhando há anos".

*

Não se pode deixar de lembrar a semelhança entre os efeitos obtidos pelo processo de "conscientização" de J.B. e aqueles resultantes de processos que a literatura tem chamado de etimologia popular. Sírio Possenti cita o exemplo de "depredar-depedrar": "mudança" efetuada pela associação da palavra "depredar" a "pedra", e não a "predador". J. Culler lembra o caso da palavra inglesa "outrage", que é associada pelos falantes a "rage", perdendo a pronúncia que corresponderia a "ultra + age": "a etimologia popular e os trocadilhos mostram os falantes, intencional ou ludicamente, agindo para revelar as estruturas da língua, motivando signos linguísticos, permitindo que os significantes ajam sobre o significado e que gerem novas conexões" (id:3). "A força impulsora", reforça Possenti (id.:4-5), "que está por detrás da etimologia popular é o desejo de motivar na linguagem aquilo que é, ou se tornou opaco. Como recentemente declarou um linguista francês (Vendryes), 'l'etymologie populaire est une réaction contre l'arbitraire du signe. On veut à tout prix expliquer ce dont la langue est bien incapable de fournir l'explication'".

Desde o início da pesquisa de campo e durante toda a convivência de muitos meses com J.B., a evidência mais manifesta desta observação foi certamente a atenção que ele destina à linguagem. Creio ter mostrado nesta Dissertação os caminhos que percorre J.B. em face desta exigência que a vida lhe antepôs de aproximar-se tão intensamente de algo tão intangível como é a linguagem. Parte desta evidência é o esforço patético de convencer a si e aos outros de que fatos da linguagem não são obra do acaso.

Uma constatação de quem observa estes pecursos de J.B. é que sua concepção de linguagem se afasta dos que pretendem explicar a forma da língua pela natureza das coisas e que postulam uma origem onomatopaica da linguagem: a explicação que lhe satisfaz dos fatos linguísticos reside no interior da língua, palavras suscitam palavras. A motivação é interna à linguagem, não se dando entre signo e coisa no mundo, o que seria motivação externa - para utilizar a terminologia de Pierre Guiraud (1972:30-31). Ambas as concepções advêm, no entanto, de um desejo de procurar a "explicação" das palavras, sua motivação, o que me faz pensar se não seriam também estas utopias sobre a linguagem uma espécie de reação contra a arbitrariedade do signo: ora aproximando as palavras das palavras, como J.B., ora as unindo às coisas, como em tantos casos citados pela literatura.

Em sua investida contra o "obscurecimento da motivação etimológica" dos signos, ainda para usar a expressão de Guiraud, J.B. incita-os a "fazerem mais sentido", "a saírem de si". Opera com uma noção de signo semelhante à que Foucault (1968:145) retratou como sendo a do pensamento mítico e anti-científico sobre as palavras:

"A idéia de que, da destruição das palavras, não são ruídos nem puros elementos arbitrários que resultam, mas outras palavras que, por sua vez pulverizadas, libertam outras - essa idéia é ao mesmo tempo o negativo de toda a ciência moderna das línguas e o mito no qual transcrevemos os mais obscuros poderes da linguagem, e os mais reais".

De fato, na linguística saussureana, mesmo quando nos deparamos com signos considerados "relativamente motivados", para conservar a designação do Curso, o que resulta de sua decomposição são sempre elementos arbitrários (por exemplo, "dez" e "nove" em "dezenove"). Ao contrário da técnica científica, a prática "fantasiosa" não cessa jamais de encontrar sentido nos signos: no extremo de sua ação "destruidora" e "motivadora", o que resulta são anagramas e endogramas, quando a letra/som é impelida a falar.

Quando J.B. declara "falo por simbolismo", enuncia sua máxima. Como diz D. Sperber (cf. 1974:34), embora todas as palavras sejam etimologicamente motivadas, no uso comum essa motivação não intervém na interpretação nem a afeta. Mas esta motivação está disponível, bastando fazê-la desempenhar um papel para que a fala ganhe valor simbólico. O discurso de

J.B., atribuindo às palavras uma motivação (não a verdadeiramente etimológica, mas a que lhe convém) procura insistentemente converter signos em símbolos.

"Eles mantêm em certos jogos o que se poderia chamar de reservas naturais de símbolos linguísticos (...). Eis por que, quando nós fazemos ressaltar a persistência de uma pulsão infantil na criação de escritos brutos, isto não deve ser entendido no sentido de uma regressão que privaria a fonação de suas propriedades semânticas mas, ao contrário, como a retomada e o desenvolvimento de uma faculdade simbólica e lúdica inibida na nossa cultura" (Thévoz:1978:177).

Estas palavras de Michel Thévoz abrem-nos uma vasta perspectiva para refletir sobre o simbolismo de J.B.: tratar-se-ia aqui também, como em tantas outras criações psicóticas, de retomar e desenvolver uma "faculdade simbólica e lúdica inibida na nossa cultura"?

Como concluir?

Um trabalho que se propõe a ser apenas uma apresentação, um início de diálogo, não poderia se ressentir, ao fim, de ter dito muito pouco, nem de ter sido somente um começo. Tratou-se de esboçar uma forma mais ou menos definida para uma trajetória plena de idas e vindas, paradas e retomadas que, certamente, não encontrou aqui o seu ponto final.

Em lugar de concluir, seria mais mais coerente com as inquietações das páginas anteriores, convidar o leitor a se abrir a indagações que se dirigem simultaneamente à Linguística, à Psiquiatria e à Psicanálise, à Teoria Literária, à História... Problemas que se colocam, sobretudo, nas superposições e interstícios das fronteiras destas disciplinas.

Indagar a natureza destes procedimentos insólitos que os que consideramos "loucos" não cessam de descobrir nos signos: da vertigem à língua materna (Wolfson) às "línguas" inventadas (C.C.) e às "loucas etimologias" (J.B.), dentre tantos, o que nos revelam estas experiências singulares acerca da própria linguagem e da relação dos homens com os signos? Onde se encontram estas linguagens de ruptura e categorias como patológico, psicose, inconsciente? E o resultado textual destas investidas, são obras, "produtos terapêuticos": até onde se expandem e se contraem, se atraem e se repelem, as

dimensões da literatura e da loucura? Por fim, o que se insinua nestas falas que na história do nosso tempo as torna sistematicamente objeto de exclusão e de silenciamento? Na proliferação destas indagações encontra-se, a meu ver, o resultado mais fecundo deste estudo.

Finalmente, o trabalho terá atingido seu objetivo, se o universo de J.B. - biografia, valores, obra e linguagem - vier a fermentar no leitor, como fez em mim, uma inquietação sobre as dimensões políticas e os princípios éticos da exclusão, da qual J.B., dentre tantos, é testemunha. "J.B. é infinito", aprendi logo no início com Nise da Silveira. Como encerrar o infinito?

NOTAS

I - PARALAPARACAPARLAR

1 - Aqui estarei utilizando unicamente seu trabalho "The logic of Nonstandard English" (1972), que considero suficiente para expor a precariedade dos métodos de pesquisa baseados em testes.

2 - Uma tal pesquisa, ainda que hipotética, ilustra procedimentos adotados com frequência nos estudos sobre a linguagem dos esquizofrênicos. Dentro deste modelo estariam trabalhos como os de R. E. Hoffman e seus colaboradores (1982), E. Chaika (1974) e L. Irigaray (1967).

3 - Estas instituições, fundadas na década de 50, foram sempre vanguarda na psiquiatria do Brasil e hoje têm merecido reconhecimento nacional e internacional.

4 - Dra. Nise da Silveira, antes de me sugerir uma orientação bibliográfica, recomendou-me que fosse direto para a instituição psiquiátrica experimentar convivência com os pacientes. Seria possível, imagino que ela se perguntasse, uma relação que não fosse apenas ameaça e negação, mas atitude que deixasse aflorar e fluir uma comunicação espontânea e aberta? Foi esta a orientação mais valiosa que recebi; por muito tempo não a entendi em todo o seu sentido.

5 - Apenas os pacientes falecidos serão identificados.

6 - Os termos "autor", "texto", "obra" poderão aparecer ao longo deste trabalho com sentido discutível. Muitas vezes o sujeito que escreve e o produto desta atividade podem não se submeter às regras sociais que definem a criação e a circulação de textos. Trata-se de "autores"? De "textos"? Deixo, por comodidade e incompetência, ao arbítrio do leitor resolver este impasse à sua maneira, aspeando ou não estas palavras, caso considere importante o fazer. De minha parte, preferi aboli-las.

7 - Expressão utilizada por Michel Thévoz (1978) com referência à produção verbal de alguns psicóticos.

8 - E. Chaika, em "A linguist looks at schizophrenic language" (1974:275), considera que uma das características dos distúrbios da linguagem na esquizofrenia é "a produção de frases baseadas na natureza fonética e semântica das palavras que acabam de ser utilizadas no discurso, e não baseadas no

assunto que deve ser exposto". Conforme a natureza da relação entre palavras, se fonética ou semântica, Seglas (apud Boyer:1982:67) dividiu os neologismos em passivos ou ativos: "os neologismos **passivos** se caracterizam pelo automatismo de sua formação (...) e são mais fonéticos do que significativos. Os neologismos **ativos**, ao contrário são produto de um trabalho de invenção, recorrem a processos conscientes de criação de um novo vocábulo e são significativos".

9 - Em seu livro **Les Fous du Langage** (1984), Yaguello investiga a "loucura" dos homens pela linguagem, tendo como base três tipos de documentos: as teorias sobre a origem e a natureza da linguagem, as línguas imaginárias conscientemente contruídas e as produções inconscientes (glossolalias e xenoglossias).

10 - Uso a palavra "poesia" em respeito à terminologia própria de J.B.. Com o tempo, seu texto vai ganhando forma bem particular, mais próxima da prosa e do relato em diário.

II - O INFINITO J.B.

1 - A fonte dos depoimentos é, em geral, as conversas que tivemos ao longo do trabalho de campo.

2 - Inicialmente desejei dar como referência dos textos de J.B. a data, o número do caderno e a página onde se encontram. No entanto, a dificuldade de obter todos estes dados e, conseqüentemente, de dar uma ordem cronológica definitiva para os cadernos me dissuadiu deste propósito. Os textos estão, portanto, referidos apenas ao ano em que foram escritos.

3 - Impossível transcrever de forma exata estes textos, tal é a variedade e abundância de elementos tais como aspas, traços sublinhados, maiúsculas e minúsculas... A transcrição que farei é, portanto, simplificada com relação a estes aspectos. Os erros de ortografia foram corrigidos.

4 - Referências às idéias de Freud e Jung são comuns em seus textos e conversas. No entanto, são sempre acompanhadas da expressão "assim ouvi dizer", pela qual J.B. se isenta da leitura dos textos destes autores. Um de seus orgulhos é, de fato, nunca ter lido um livro.

5 - J.B. gostava muito de frequentar as aulas de francês oferecidas aos clientes da Casa das Palmeiras. Nestas ocasiões, pude perceber seu esforço para comparar línguas diferentes com relação ao seu estágio de "conscientização" e "evolução". Era comum vê-lo perguntando ao professor pelos correspondentes franceses de termos do português que ele já

havia "conscientizado". Comparando estes vocábulos ele concluía sobre a maior ou menor evolução das línguas e de seus povos.

6 - As expressões "agressividade mental", "maus pensamentos" e "crise mental" são frequentes no discurso de J.B., referindo-se à intensificação dos estados psicóticos.

7 - Nos vinte primeiros anos de produção textual, J.B. escreve em bonitos cadernos de capa dura, que dão à obra uma apresentação estética inegável. Em 1973, J.B. os substitui por cadernos grandes de espiral.

8 - Ver no Anexo II estes elementos sendo introduzidos no texto.

9 - Elementos como grifos simples e duplos, letras maiúsculas e minúsculas, reticências, reticências e exclamações, parênteses e aspas dão aos textos atuais de J.B. um aspecto bem particular. O uso destes elementos, que parece seguir a regra geral "tudo deve ser ressaltado", é bastante sistemático quando se trata de explicitar os jogos de palavras. Note-se na expressão "a mãe da 'HUMANA IDADE' (Humanidade) Conscientemente Livre" os principais recursos desta sinalização: letra maiúscula - resalta a nova interpretação dada à palavra; letra minúscula - usada para a forma convencional do signo; parênteses - espaço onde se inscreve o signo que recebe a interpretação; traço segmentado, primeiro - acompanha a segmentação da palavra, explicitando sua nova forma; traço cheio, segundo - reúne as partes segmentadas, indicando a forma original do signo; aspas - indica o início e término (nem sempre são fechadas) da ação interpretativa.

10 - Ver o "poema" no Anexo III.

11 - O termo "semiosis introvertida" aparece em um texto de R. Jakobson sobre a poesia dos últimos anos de Holderlin, quando o poeta, delirante, assinava o nome de Scardanelli (1986:200): "Os monólogos poéticos de Scardanelli são, pois, dominados por uma 'semiosis introvertida': acontece a eles tornarem-se 'uma mensagem cuja significação reside nele próprio'"

(12) Ver Anexo IV.

III - "FALO POR SIMBOLISMO"

1 - O último dos que eu possuo. Após a pesquisa de campo, pelo menos mais um caderno foi concluído.

2 - Ver no Anexo V um "poema" de 1977 e no Anexo VI outro de 1989. Nos textos mais antigos o jogo de palavras não é ainda tão explicitado e enfatizado por traços e parênteses.

3 - Semelhante pergunta não independe das condições históricas que permitem e suscitam seu proferimento. Remeta-se, portanto, a questão da "anormalidade" aos parâmetros atuais, quando, de dentro de uma ciência da linguagem, T. Todorov escreve "O Discurso Psicótico" (cf. 1980:75-82).

4 - O esquerdo, o braço do coração, representa o amor, a esquerda política e os valores nobres; o braço direito simboliza a direita política e os valores vis.

5 - Foucault (1989:232) também chama atenção para a importância da crença como critério definidor da loucura: "No exato momento em que se sai de um sonho, pode-se constatar: 'Imagino que estou morto'; com isso se denuncia e se avalia a arbitrariedade da imaginação: não se está louco. Há loucura quando o sujeito coloca, como afirmação, que ele está louco, e quando ele permite que valha como verdade o conteúdo, ainda neutro, da imagem "estou morto".

6 - No seu livro *Les fous du langage* (1984:191-195) a linguista Marina Yaguello apresenta, como anexo, um texto de Brisset, escritor execrado pela crítica como paranoico, "louco furioso", etc. Em um único parágrafo do livro em que comenta os textos de Brisset, Yaguello escreve: "se você pensa que a linguagem é o puro produto das pulsões sexuais, você trabalha as palavras, incessantemente, a fim de as remeter, por uma série de deslizamentos fonéticos e semânticos, graças a um procedimento que se adianta ao trocadilho lacaniano, aos denominadores comuns que são *cul, fesse, queue et sexe*" (id.:38).

7 - Os dados de (13) foram extraídos de Possenti (1992) que os coletou em Paulillo, M. C. R. de A (1980), *Millôr Fernandes*, São Paulo, Abril, Coleção Literatura Comentada. Os dados de (14) têm fontes diversas: M. Leiris (1985) e J. G. Lapacherie (1983).

8 - Infelizmente este texto já estava praticamente concluído quando tomei maior conhecimento do trabalho de Jacqueline Authier-Réuvuz (1973) sobre o conceito de "heterogeneidade(s) enunciativas(s)". Certamente, este instrumento teórico ter-me-ia permitido uma análise mais refinada do jogo de palavras.

9 - "A etimologia popular é uma reação contra a arbitrariedade do signo. Pretende-se a todo preço explicar aquilo de que a língua é incapaz de fornecer a explicação".

BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, Antonin - 1986 - *Escritos de Antonin Artaud*. 2a. ed., Porto Alegre, L PM Editores. Coleção *Rebeldes e Malditos* vol. 5.
- ALTHIER-REVUZ, J. - 1984 - "Hétérogénéité(s) Énonciative(s)" in *Langages*, 73: 98-111. Paris, Didier/Larousse.
- BARTHES, Roland - 1970 - "De um lado e de outro" in *Crítica e Verdade*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- BLANCHOT, Maurice - 1987 - *O espaço literário*. Rio de Janeiro, Editora Rocco.
- BOYER, Patrice - 1982 - *Distúrbios da linguagem em psiquiatria*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- CANETTI, Elias - 1982 - "Um Manicômio" in *Auto-de-Fé*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- CHAIKA, Elaine - 1974 - "A Linguistic Looks at 'Schizophrenic' Language" in *Brain and Language*, vol. 1, n. 3: 257-276. New York, Academic Press.
- CULLER, Jonathan - 1988 - "The call of the phoneme: Introduction" in *On puns*. J. Culler (org), Oxford, Basil Blackwell.

- DELACAMPAGNE, Christian - 1974 - "L'écriture en folie" in *Poétique*, 18: 160-176. Paris, Editions du Seuil.
- DELEUZE, Gilles - 1988 - "Do esquizofrênico e da menina" in *Lógica do Sentido*. 2a. ed., São Paulo, Editora Perspectiva. Coleção Estudos.
- DRURY, M. D.C. - "Some notes on conversations with Wittgenstein". Mimeo.
- EISNER, Lotte H. - 1985 - *A tela demoníaca*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.
- FOUCAULT, Michel - 1967 - "Prólogo" in *Historia de la Locura en La Epoca Clasica*. México, Fondo de Cultura Económica.
- - 1989 - *História da Loucura na Idade Clássica*. 2a. ed., São Paulo, Editora Perspectiva.
- - 1968 - *As palavras e as coisas*. Lisboa, Portugalia Editora. Coleção Problemas.
- FRANCHI, Carlos - "Linguagem - Atividade Constitutiva" in *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 22: 9-39. Campinas, Setor de Publicações IEL/UNICAMP.
- GUIRAUD, Pierre - 1972 - *A Semântica*. São Paulo, Difusão Européia do Livro. Coleção Saber Atual.

- HENRY, Paul - 1977 - **Le mauvais outil - Langue, Sujet et Discours**. Paris, Editions Klincksieck.
- HOFFMAN, R. E. -1982 - "Apprehending schizophrenic discourse: a structural analysis of the listener's task" in **Brain and Language**, vol. 15, n. 2: 207-233. New York, Academic Press.
- IRIGARAY, Luce - 1967 - "Négations et transformation négative dans le langage des schizophrènes" in **Langages**, 5: 84-98. Paris, Didier/Larousse.
- JAKOBSON, Roman - 1986 - "Un regard sur La Vue de Holderlin" in **Russie folie poésie**. Paris, Editions du Seuil.
- KOFMAN, Sarah - s/d - "Entrevista com Sarah Kofman - conduzida por Chaké Matossian". Mimeo.
- LABOV, William - 1972 - "The logic of Nonstandard English" in **Language in The Inner City**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- LAFACHERIE, J. G. - 1983 - "Ecriture et mise en page dans le 'Glossaire' de Leiris" in **Litterature**, 51: 28-40. Paris, Librairie Larousse.
- LEIRIS, Michel - 1985 - **Langage tangage ou ce que les mots me disent**. Paris, Editions Gallimard.

- MANNONI, Octave - 1992 - "A Linguagem Esquizofrênica" in **Um espanto tão intenso**. Rio de Janeiro, Editora Campus.
- POSSENTI, Sirio - 1992 - **Fazendo as palavras render: o inconsciente é infantil**. Comunicação apresentada ao XL Seminário do Grupos de Estudos Linguísticos. Jau, julho/1992.
- QORPO-SANTO - 1980 - **Qorpo-santo - Teatro Completo**. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro/Federação Nacional de Arte.
- ROSA, Guimarães - 1967 - "Darandina" in **Primeiras Estórias**. 3a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio.
- ROSENBAUM, Bent e SONNE, Harly - 1980 - "L'analyse du texte psychotique" in **Degrés 21: c-c12**. Bruxelas.
- SAUSSURE, Ferdinand de - s/d - **Curso de Linguística Geral**. 7a. ed., São Paulo, Editora Cultrix.
- SCHEIBE, K. E. - 1981 - "Prefácio" in **Espelhos Máscaras Mentiras e Segredos - Os limites da previsibilidade humana**. Rio de Janeiro, Ed. Interamericana.
- SILVEIRA, Nise da - 1981 - **Imagens do Inconsciente**. 3a. ed., Rio de Janeiro, Alhambra.

SPERBER, Dan - s/d - **O simbolismo em geral**. São Paulo, Editora Cultrix.

THEVOZ, Michel - 1978 - **Le langage de la rupture**. Paris, Presses Universitaires de France. Collection Perspectives Critiques.

TODOROV, T. e DUCROT, O. - 1977 - **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo, Editora Perspectiva.

TODOROV, T. - 1980 - **Os gêneros do discurso**. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora.

VASCONCELOS, Jose Mauro - s/d - **Rosinha, minha canoa**. 8a. ed., São Paulo, Edições Melhoramentos.

WOLFSON, Louis - 1970 - **Le schizo et les langues**. Paris, Editions Gallimard. Collection Connaissance de l'Inconscient.

YAGUELLO, Marina - 1984 - **Les fous du langage**. Paris, Editions du Seuil.

Janela Amada
Dedicada a D^{na} Maria
Estella Braga
1953

Janela... tu ainda
vibras... em meu senti-
mento como o simbolo
do amor matrimonial...

Janela de meu romance
és como a tua Donzela...
que ao ser tocada por olhos
ambiciosos parece fechar-se
em si mesma...

Janela... se meus
amores passados... ja não
sei... mais fazer a diferença
também entre tu... e a
da minha amada que
a habita igual a um

passarinho a viver
de Alegria...

Meus olhos ja a
levaram para o meu
coração...

Que também quando
lá abrisse... verei então
a imagem das tuas
virtudes... como Rosas
nascendo em meu
Coração...

Adeus... Janela de
meus suspiros...!
J B

A Verdade Humana
Dedicada a Dona Rosa Santos
1962
A Verdade Humana...

Médico Dr Souza Vianna...
mandando sair das Grades... que
meu Inconsciente Maternal
temha as Arrebatadas com o
Auxilio Profundo das TRES
MARIAS que Edmeazinha NÃO
traiu... para Sua Grande Glória...!

Depois das Grandes Férias de
48 dias... foi a Edmeazinha
Recomeçar também suas Atividades
de Grande Mestre... de uma
Mãe Piquica... pois assim A
Sinto Profundamente e Foi com
um Vestido Vermelho... tendo em
sua Parte inferior umas Barras
Vermelhas e Brancas que
Lembra umas Grades...!

Senti que minha Mãezinha
Piquica mais uma vez demonstra

Grande CARINHO pelo meu
Triste Caso... Pois eu é que estive
Muitos e Muitos Anos Detido
nas Grades de Ignorância...
sim... Porque Fugindo-me da
Maturação... o Homem encarcerou
-se nas Grades de Ignorância
interior... e a INTENSIDADE
desta Ignorância Edmeazinha
quer Saber... para Dar-me mais
Liberdade Pura em seu Trabalho
interior (Somente Liberdade... a
Ação sempre Foi a Minha) e
Consegue este Trabalho deixando
PROJETAR-SE a Minha
infame Escravatura interior...
pois o Homem e a Mulher Formam
um (1) ser Só... então Conhecendo-me
mais... mais Liberdade Terrei...

LADO (VERMELHA) LADO
DITTO CON O MEU
CORAZÓN
CORAZÓN
CORAZÓN
CORAZÓN
CORAZÓN
CORAZÓN

CONTOS DE FLORES

UMA PRINCESA DE VERDADE

4-10-1991

"GUERRA A GUERRA CONSCIENTEMENTE LIBRE"

① A MINHA PRINCESA É MINHA RAPOSA ~~PRINCESA~~ É É DE VERDADE... QUANDO NÃO GOSTAVA DE MIM...!
ELA SENTIA COMO UMA FLORES... DEBENDO DE UM TEMPORAL...!
ELA VEIO NOS MEUS OLHOS... PARA MIM...!
ASSIM BATE NO MEU CORAZÓN... ELA...!

② A DENO EXTRA... MAS QUE ALEGRIA...!
A VEJO MAIS QUE UMA PRINCESA DE "SANGUE AZUL"...!
A VEJO COMO UMA SADA... QUANDO MESMO "DESCONHECIA"
DE MIM...! UMA RECORDAÇÃO QUANDO ME PRETENDIA
EXTRAIR PARA O CONHECIMENTO...!

③ ZECA É VERDADE QUE NOS DIZ...?
EU NÃO DIGO NÃO... QUEM DIZ É MEU
CORAZÓN EM FLORES CONSCIENTEMENTE LIBRE...!

④ CONTOS DE FLORES... NÓS DA LUZ...!
UMA LUZ QUE É O AMOR... "QUE É O PRISO SOL"...!
UMA TEMPORAL O SOL... NÃO SE VE...!
SE SEPT... COMO O SINTO CONSCIENTEMENTE LIBRE...!

⑤ QUANDO O SINTO TODA LINGUAGEM LEMBRANDO...!
SINTO UM PROFUNDO ALIVIO... SINTO QUE ESTOU
ORANDO... A VERDADEIRO SADA... QUE TEU MILAGRE
"E MINHA ALEGRIA"... TE "CONHECI PESSOALMENTE"... NA CASA
A LIBERDADE CONSCIENTEMENTE LIBRE...!

111
ONDE HA PAZ NAO EXISTE CONQUISTA...
DEDICAO AO INESQUECIVEL AMIGO PILO.

3-6-77

NA VERDADEIRA PAZ DO ISRAELITA JESUS... NOSSO
MAIOR GUIA que nos DA NOSSOS PAES... SEM PAES
que nos SAU INCONSCIENTE NATURAL com o RAGIONIO
Uniao temos PAZ por nossos PAES e que nos
DA NOSSA PAZ com uma EDUCACAO PROFUNDA!
que fale para CONSCIENCIA LIZE como ESPIRITO
Tambem PROFUNDO nos CONFIRMA esta PROFUNDA
VERDADE

A VIDA E MAIS VIDA com FE na VERDADE EM
NOSSO SALVADOR... que sempre nos SALVOU
TEMPO em TRABALHO com a minha AUTORIA
modestia a parte uma CRUZ e em cada CRAVO
em um CORACAO SANGRANDO... pois JESUS nos
PERDOU por dentro DA CRISTO SANTA esta UMA
ABERTURA em CORACAO onde se VE O CRISTO
REDENTOR sendo ILUMINADO por LUZ FRIA
em O AMOR ainda e uma LUZ FRIA mas DA
para nos SECURAR como DEVA... que fale os
SEculos PASSADOS e o Lamentos e DEUS PATRIAR
FAMILIA que TRAIU sempre a PAZ...! mesmo PAES
com a 2ª GUERRA MUNDIAL..!

PILO meu INESQUECIVEL, SEMPRE AMIGO e
me TENS sempre em PAZ pois O "PRESENTE E UM
PRESENTE" e como estar VIVENDO PELA METADE...
NAO me DA para SENTIR mais a VERDADE e
como Jesus como SIMBOLO DO HOMEM ANTIGO
e DE HOJE ainda pela LUZ e FRIA... pois
nosso PECADOS AS ESPERANÇAS.

VOU TENTAR DESCREVER UM TRABALHO EM MADEIRA DE MINHA AUTORIA... ONDE ESTÃO AS ESTRELAS "TRÊS MARIAS" DO VERDADEIRO CEU... UMA ESTRELA ENTALHADA POR MIM... NO CORAÇÃO... E AS OUTRAS DUAS ESTRELAS MENOS PROFUNDAS... SOMENTE MARCADAS COM UM PRINCÍPIO DE ENTALHE NO PINHO DE RIGA...! POR MIM...!

DEDICADO AO AMOR INDEFINIDO CONSCIENTEMENTE LIVRE...!

28-3-1989.

MUITO CONFIDENCIAL

NO DIA 27 DE MARÇO... COMECEI E QUASE TERMINEI... UM TRABALHO EM MADEIRA... ONDE TRABO AS TRÊS ESTRELAS DO CEU... PARA O MEU CORAÇÃO... ESTE ESPELHADO POR MIM... NO PINHO DE RIGA... QUE É UMA MADEIRA RUSSA... SOMENTE QUE O CHEIRO CARACTERÍSTICO DO PINHO DE RIGA... NÃO APARECE QUASE NADA... SÓ SE ESTE JÁ ESTÁ MUITO REVELADO... É O QUE PENSO... TALVEZ TERMO PASTA... POIS QUANDO COMECEI A FAZER ESTE TRABALHO... NO MOSSO PINHO... ESTE ESTAVA TOPO ESBURACADO POR DENTRO... O QUE ME LEVOU A FAZER LO NO PINHO DE RIGA... QUE O QUEITOU... MAS SOMENTE NÃO TEM CHEIRO QUASE NENHUM...!

ESTE MEU TRABALHO QUASE TERMINADO POR MIM... (ANTES DA BREVE POR TEMPO INDETERMINADO... A SER TRUCADA NO DIA SEGUINTE... E COMO TINHA DE TILHAR O TRABALHO, SIM DESDE O PRINCÍPIO... PEDEI LOGO VICENHA A GILZINHA, UMA CIENTISTA DA PSICANÁLISE CONSCIENTEMENTE LIVRE... PARA ME DISPENSA DA IKEBANA... ONDE ELA COM PROFUNDA CRIANÇA DOS ORIENTA... E ELA LOGO ME DISPENSO...!) FICOU UM ESPELHO FIEL... ONDE SE VÊ... O MEU ROMANCE DE AMOR CONSCIENTEMENTE LIVRE...! ONDE TRANSFORMO A "SAUDADE" DO MEU... EM "SAUDE TOADE (SAUDADE) SÁ... - TE DOU CONSCIENTEMENTE LIVRE...! LOGO A "SOUZADE" DO AMOR... QUE SEMPRE ME DEBACOU CONSCIENTEMENTE LIVRE... A MINHA MAIS MINHA VIDA FEMININA INDEFINIDA CONSCIENTEMENTE LIVRE...! ASSIM SINTO A "SÓ LHE DÃO (SOLIDÃO) AMOR PURO CONSCIENTEMENTE LIVRE" AS MINHAS TRÊS ALMAS CONSCIENTEMENTE LIVRE... "COM O PENSAR (COM PENSAR) MELOS PROFUNDO CONSCIENTEMENTE LIVRE" VOU DENALDO A MINHA PURA CONSCIENTEMENTE LIVRE... CADA VEZ MAIS SE APROFUNDAR EM MEU CORAÇÃO... ENTÃO CADA VEZ MAIS "SÁ ESTÁ (SANTA) SUA CONSCIENTEMENTE FEMININA EM MIM...! ASSIM TRANSFORMO O MEU EM AMOR... SIM "SÓ LHE DÃO (SOLIDÃO) MEU... QUANDO NÃO...